

Dante Cultural

Ano X - Número 28 - Novembro de 2014

ISSN 1980-637X



A arquiteta do encontro

Além do Masp e
do Sesc Pompeia,
Lina Bo Bardi
deixou um
legado simbólico
essencial para
São Paulo: a
importância do
convívio e da
coletividade

Entrevista

O cineasta Gregório
Graziosi fala sobre
os tempos de Dante
e a carreira no
cinema

Dança

Três ex-alunas
abrem escola de
balé inspiradas pela
ex-professora

*Lina Bo Bardi em
foto tirada na
década de 1960*

Instituto Lina Bo e P. M.
Bardi, São Paulo, Brasil



Colégio Dante Alighieri:

há mais de **100 anos** construindo o futuro.



GRAPPA

Qualidade no ensino, tradição e pioneirismo.

INOVAÇÃO:
Laboratórios de Projetos Tecnológicos e lousas digitais em todas as salas de aula.



HORTA



TURMA DO HIGH SCHOOL



MUSEU

Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, opção de High School a partir do 9º ano e atividades extracurriculares.

Mensagem do Presidente



Prefácio

**O texto a seguir é o prefácio do livro “Dante de portas abertas: relatos de práticas exitosas”, organizado pelo corpo docente para a ocasião do Dia do Professor deste ano. O livro contém relatos de ex-alunos e uma série de roteiros de atividades educacionais realizadas no Dante que obtiveram sucesso.*

*Tempus Fugit,
Sapientia Manet*

por José de Oliveira Messina

Presidente do Colégio (ex-aluno 1934/1946)

Ao receber do grupo de docentes que organizou o livro “Dante de Portas Abertas” – aqui, Portas Abertas com maiúsculas, porque fazem parte de um centenário Templo Educacional – a tarefa de escrever este prefácio, fui golpeado por forte emoção.

Justificando esse sentimento, volto ao ano de 1934, quando aos 7 anos de idade – após o percurso em meio aos então barulhentos e saltitantes bondes (abertos ou fechados), conduzidos por bigodudos condutores e cobradores da Companhia Light and Power – eu, levado pelas mãos seguras de mamãe Amélia, juntamente com meu irmão Leonardo, depois de atravessarmos a mancha da Mata Atlântica incrustada na Avenida Paulista (que nos revitalizou, oxigenando-nos e fazendo-nos participar da orquestra natural de insetos e aves canoras), ouvimos o soar de um sino, que nos levou a perguntar a mamãe se ela havia se enganado.

A resposta surgiu logo em seguida: descortinou-se, diante de nós, um imponente prédio com acesso por portão de ferro com duas folhas abertas, como se fossem dois grandes braços acolhedores.

Logo após a subida de alguns degraus, chegamos ao átrio, onde se encontrava o porteiro-sineiro – um senhor calvo (com um nódulo que se destacava na parte posterior da cabeça), baixinho, gordinho, ligeiramente corcunda e nervoso – que, ao pedir que mamãe se apressasse porque as portas das classes já estavam se fechando, precipitava-se em explicar que os retardatários teriam de aguardar o intervalo para se apresentarem aos mestres.

Esse foi o primeiro sinal de que atraso

não tinha justificativa, indicando que a responsabilidade era um dos valores a serem observados.

Dando agora um salto de 74 anos, no ano de 2008, o infante, então Giuseppe (José), depois de ocupar uma série de cargos, foi eleito presidente do Colégio para o triênio de março de 2008 a março de 2011, seguindo-se sua reeleição para dois outros triênios, com término em março de 2017.

Já no exercício de 2008 – somando então 57 anos de advocacia, de magistério universitário, e como procurador municipal com carreira encerrada no mais alto grau funcional, o de procurador-geral do Tribunal de Contas do Município de São Paulo – o ex-aluno, que já fora presidente da Associação dos Ex-Alunos do Colégio (AEDA), presidente da Academia Paulista de Direito, e membro de instituições culturais e profissionais, abraça (com carinho de filho reconhecido pelo cabedal da educação recebida), na Escola onde realizou por 12 anos todos os ciclos curriculares, a tarefa que lhe fora cometida pelos pares.

À comunidade gestora apresentou um plano de trabalho, que, já no segundo mandato, à exceção da oficialização do curso de Currículo Italiano (que terá início no ano de 2015), observou as metas preestabelecidas.

Com a aceitação das diretrizes definidas após a audiência dos setores competentes, apresentando-se aberturas ao corpo docente e ao alunado, os resultados foram emergindo diante do “*una voce*” que irmanou a comunidade dantiana.

Destacam-se os momentos em que as portas da Presidência foram abertas aos professores, pais, funcionários, petizes, ex-alunos e autoridades internacionais, todos com acesso imediato.

Ouvimos de muitos ex-alunos esta afirmativa: “Messina, sempre tive medo de entrar nesta sala da Presidência!” “Não foi somente você, fique tranquilo...”, dizia eu a cada um deles, em resposta.

Sorríamos, dando vida às nossas lembranças...

Outro momento relevante foi a abertura das portas do Conselho Administrativo para receber integrantes da área pedagógica, que dispuseram de tribuna livre para apresentar suas metas e realizações.

Essa pioneira iniciativa permitiu aos conselheiros se inteirarem da dedicação e do entusiasmo dos professores, passando a conhecer as metas e a qualidade do ensino.

Realizam-se também eventos, simpósios, espetáculos, parcerias, até convênios com entidades acadêmicas, nacionais e estrangeiras, do que resultaram viagens de professores para o exterior e o conseqüente reconhecimento internacional, pelas entidades culturais visitadas, do potencial do nosso Colégio.

O livro ora nascente é obra de fôlego diante dos nossos olhos, para leitura e meditação!

São significativos os relatos das diversas áreas de conhecimento, as quais se harmonizam por serem todas componentes de uma orquestra, que executa três movimentos distintos: 1. Relato da gestão compartilhada; 2. Relato de uma feira investigativa; e 3. Relatos de práticas exitosas.

O leitor poderá vislumbrar, no desenvolver dos títulos que compõem a obra, a dinâmica de uma instituição educacional direcionada a formar cidadãos com sustentação filosófica-humanista e científica: o Ser Humano verdadeiro, despido de vaidades materiais e vestido dos princípios e valores que certamente corrigirão os danosos desvios e tendências que, nos tempos modernos, teimam em conduzir as sociedades aos conflitos, que deseducam e deformam a personalidade do homem.

Hoje, efetivamente, a Diretoria Pedagógica, a Diretoria Executiva e o Conselho se completam, resultando na excelência do ensino praticado no Colégio.

Este livro, repito, é para figurar em nossas bibliotecas, sendo objeto de consultas diárias e servindo à identificação do potencial pedagógico, todo ele animado por sólidas diretrizes.

De fecho, um acróstico para conferir um clima poético em homenagem ao nosso divino poeta.

Viagem no Tempo

De outros sonhos,
A memória imorredoura,
Nascida com vigor,
Tem força inovadora...
Enfrenta e vence os tempos!

Dirige seu norte à missão
E à visão ético-moral, vencendo adversidades!

Professores eternos,
Ontem no preparo de gerações!
Retratos que não empalidecem
Transmitem aos pósteros
A certeza de que a vitória é e será
Sempre, do Dante, a sina!

Administração que a todos une...
Benefícios se multiplicam...
Engrandecendo a comunidade,
Reunida na nossa fortaleza!
Todos os princípios e valores
Apresentam suportes construtivos,
Sábios: eis o Projeto Político-Pedagógico!



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

www.aeda.com.br aeda@aeda.com.br

Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

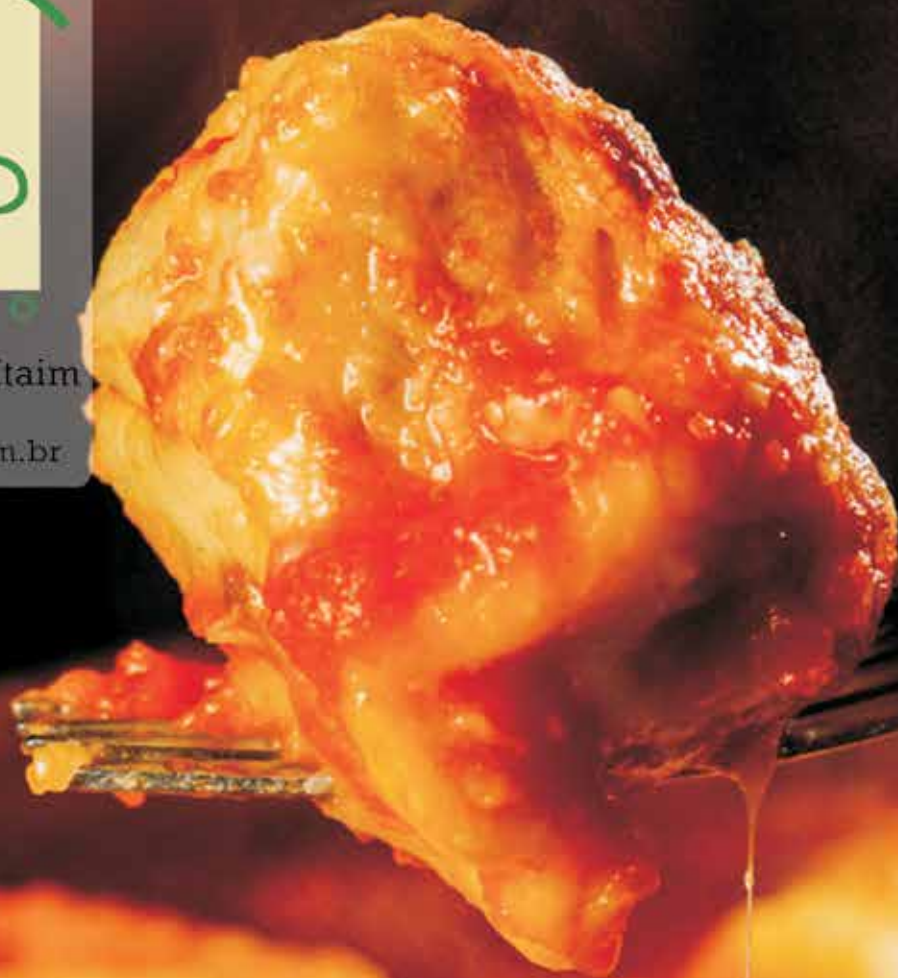
Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão



Rua Horácio Lafer, 533 - Itaim
Delivery: 11-3078-0028
www.spaziogastronomico.com.br



Capelletto ao Sugo

Carta ao Leitor

Cara leitora, prezado leitor:

Av. Paulista, 1578. Milhares de pessoas passam diariamente por esse endereço (um dos cartões-postais de São Paulo), a maior parte delas sem ter ideia de que o projeto daquele prédio inusitado, que abriga o Masp, é de uma arquiteta italiana: Lina Bo Bardi, autora de outras obras marcantes de nossa paisagem urbana, como o prédio do Sesc Pompeia. Tais edificações traduzem a ideia de Lina, de uma arquitetura bruta, direta, sem firulas. Conheça um pouco mais da vida, do pensamento, da obra e do espírito forte dessa mulher genial na matéria de capa desta *DanteCultural*.

Outro artista em foco nesta edição é o ex-aluno e cineasta Gregório Graziosi, personagem da nossa Entrevista. O premiado diretor, que acaba de lançar seu primeiro longa, *Obra*, nos fala, entre outros assuntos, das influências do Colégio Dante Alighieri e da importância de sua família nas suas escolhas. Também nos conta sobre seus muitos prêmios e seus planos (e dúvidas) para o futuro.

Uma nostálgica matéria nos conta a história do surgimento do Studio D'Andrea, que nasceu do reencontro da professora Mariangela D'Andrea com três mulheres que deram seus primeiros passos na dança quando alunas do Dante. Hoje, a mestra dá aulas no estúdio que leva seu nome, uma homenagem de suas pupilas Karin, Gisela e Rosa, proprietárias da escola.

Nossa seção de Turismo propõe uma visita ao menor país do mundo: o Vaticano. Apesar de pequeno, as atrações são muitas, como a Capela Sistina, pintada por Michelangelo, e a Pinacoteca Vaticana, que concentra obras de Leonardo Da Vinci, Caravaggio, Rafael e Botticelli, além, é claro, da Basílica de São Pedro, a maior igreja católica do mundo e patrimônio mundial da humanidade segundo a Unesco.

Entre outros assuntos, esta edição da *DanteCultural* traz, ainda, o perfil da paranaense Natália Falavigna, medalhista olímpica brasileira de taekwondo, com bronze em Pequim. Também há um Ensaio Fotográfico bem apropriado para esta época de fim de ano: são deliciosas imagens, feitas por Leandro Cagiano, da produção de panetones.

Boa leitura, boas festas e um excelente 2015!

Fernando Homem de Montes
Publisher

A revista *DanteCultural*
(ISSN 1980-637X)
é uma publicação do
Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-Presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Paulo Francisco Savoldi
2º Diretor-Secretário

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Mario Eduardo Barra
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D'Antino
Diretor Adjunto

Silvana Leporace
Diretora-Geral Pedagógica

Capa: Foto de autor desconhecido, gentilmente cedida pelo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil /C1: Foto de Francisco Albuquerque, gentilmente cedida pelo Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil /C2: Divulgação /C3: Divulgação/C4: Leandro Cagiano/C5: Divulgação

Índice



CAPA A arquiteta italiana que se encantou pelo Brasil completaria cem anos em dezembro **p 20**

Acima, Lina Bo Bardi em foto de 1950 na escada da Casa de Vidro, residência que construiu e onde morou no bairro do Morumbi, zona sul de São Paulo



Entrevista O cineasta Gregório Graziosi, nosso ex-aluno premiado em vários festivais com seus curtas-metragens, acaba de lançar seu primeiro longa, “Obra” **p 8**



Dança O reencontro de três ex-alunas e uma ex-professora de balé do Dante rendeu uma nova sociedade e a abertura de uma escola de dança **p 28**



Ensaio Fotográfico A produção artesanal de panetones da Di Cunto, na Mooca **p 34**



Gastronomia O Supra, restaurante do chef Mauro Maia, tem pratos que misturam a culinária italiana com os sabores do interior mineiro **p 40**

Entrevista	8
Artigo	14
Cultura	16
Capa	20
Perfil	30
Dança	32
Poesia	36
Ensaio Fotográfico	38
Gastronomia	44
Jovem Chef	47
Turismo	48
Espaço Aberto	50
Papo Aberto	52
Memória	54

Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Salvador Messina e Milton Costa/Comercial: Vinicius Hijano

Colaboradores: Barbara Ramazzini, Fernanda Quinta, Julia Alquéres, Laura Folgueira, Leandro Cagiano, Luisa Destri, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Vanessa Ruiz, Tadeu Brunelli.

Envie suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 9.500 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400 www.colegiodante.com.br



Dani Derani

A construção de um cineasta

O ex-aluno Gregório Graziosi, já premiado no Brasil e no exterior por seus curta-metragens, acaba de lançar seu primeiro longa

Por Barbara Ramazzini

Quem lê o currículo do cineasta paulistano Gregório Graziosi nem imagina que ele tem apenas 30 anos. Gregório coleciona prêmios desde o seu primeiro curta-metragem, *Saba*, quando ainda cursava a faculdade de cinema, na FAAP. Com ele, passou por Cannes e, com o filme seguinte, *Phiro*, ao IDFA (Internacional Documentary Film Festival Amsterdam), o mais importante festival de documentário do mundo, em Amsterdã. Nos anos seguintes vieram mais indicações: os curtas *Saltos*, *Mira* e *Monumento* integraram a programação de um importante festival em Locarno, uma parte italiana da Suíça. “Chegar lá e apresentar, não em inglês, mas em italiano, é bem emocionante”, conta o cineasta.

Mas era chegada a hora de dirigir seu primeiro longa. Depois de três anos, entre roteiro e gravação, *Obra* acaba de ser lançado e não fugiu da rota natural das produções do cineasta. O filme foi apresentado em um dos festivais de cinema mais importantes do mundo, o Festival de Toronto. Aqui no Brasil, mal estreou e já levou dois prêmios do FIPRESCI (*Fédération Internationale de la Presse Cinématographique*), no Festival do Rio: o de melhor filme latino americano e melhor fotografia. A trama, que tem a exímia interpretação dos atores Irandhir Santos e Júlio Andrade, retrata a angústia de um arquiteto ao encontrar um cemitério clandestino, no novo empreendimento da família. Decide guardar o problema para si, deixando de compartilhá-lo até mesmo com sua mulher, que está grávida — papel da atriz inglesa Lola Peploe. Essa tensão se reflete em seu físico e sua coluna trava. Em paralelo à narrativa, uma São Paulo sem horizontes asfíxia e perturba tanto o protagonista quanto o próprio espectador.

A escolha de Gregório pelo cinema como carreira não foi imediata. Indeciso também entre artes plásticas e arquitetura, na época em que terminava o Ensino Médio no Colégio Dante Alighieri, em 2001, acabou optando pela última.

A “segurança” que, como acreditava, a profissão lhe proporcionaria, não foi o suficiente para mantê-lo no curso. E, hoje, mesmo influenciado declaradamente pelos traços da cidade e seus espaços, percebe que a mudança no caminho foi essencial. Sua vida giraria em torno do cinema.

Entre a escrita de um novo roteiro e uma ida à Roma, para apresentar o novo filme em um festival, Gregório conversou com a Dante Cultural sobre sua trajetória e sobre o que mais ama fazer. Depois de mais de uma hora de prosa, não é difícil entender como ele chegou tão longe e tão precocemente. O brilho nos olhos e a compreensão emocional e racional do seu trabalho foram, com toda a certeza, a fundação para tudo o que vem conquistando.

DC: Como estudar no Dante influenciou suas escolhas?

Gregório: Estudei da 1ª série do Primário [*hoje 2º ano do Ensino Fundamental*] até o 3º Colegial [*hoje 3ª série do Ensino Médio*]. Eu era, digamos, um nerd artista [*risos*]. Como eu estudava artes plásticas fora, chegava na escola e os professores pediam para ver os meus desenhos. Acho que eles acabavam indo com a minha cara. Os de artes estimulavam muito o meu pensamento artístico. Tenho certeza de que tanto as aulas de língua italiana quanto as de arte foram muito importantes para a minha formação. Tinha uma professora de história,

“(...) eles [os filmes] têm muito do que aprendi na arquitetura, principalmente a questão de entender os espaços, que aplico no cinema. Quando eu estava na faculdade, vi os filmes do cineasta italiano Michelangelo Antonioni e percebi essa relação dos personagens com o espaço e a arquitetura”

Marcia Bazanelli, que apresentava filmes para nós. Ela dava a história da língua a partir da cultura italiana, dos movimentos artísticos do cinema.

DC: Foi a primeira vez em que você teve contato com filmes italianos?

Gregório: Não, minha família assistia a filmes em VHS na casa do meu avô. Ficávamos juntos vendo os clássicos *Ladrões de Bicicleta*, *Cinema Paradiso...* e meu avô falava italiano, no dialeto dos personagens, e indicando “este é de tal lugar, este é de outro...”, isso foi essencial para mim.

DC: Então, a escolha pelo cinema sempre foi uma possibilidade em sua vida...

Gregório: Não muito. Quando estava para sair do Dante, fiquei entre cinema e artes plásticas. Conversei com os professores e eles me aconselharam a seguir com arquitetura, que eu também gostava. Respeitava muito a opinião deles. Meu avô e meu pai são arquitetos. Enfim, entrei em arquitetura no Mackenzie. Mas

teve um momento em que eu fiquei em pane, porque o que eu queria era cinema. Arrisquei e fui estudar na FAAP.

DC: Mas na maioria dos seus filmes, a arquitetura é extremamente presente, não é?

Gregório: Sim, eles têm muito do que aprendi na arquitetura, principalmente a questão de entender os espaços, que aplico no cinema. Quando eu estava na faculdade, vi os filmes do cineasta italiano Michelangelo Antonioni e percebi essa relação dos personagens com o espaço e a arquitetura.

DC: É o seu cineasta preferido?

Gregório: Hoje é o meu preferido e na faculdade foi um dos marcantes. Com certeza, os meus curtas e o meu longa, o *Obra*, foram influenciados por ele. Quando eu fui apresentar o *Saba*, meu primeiro curta-metragem, as pessoas falavam: “Mas, espera aí, isso é filme antigo italiano feito no Brasil.” O fato de eu ter estudado o Antonioni foi importantíssimo.

DC: Qual a importância do curta-metragem para um cineasta?

Gregório: Os curtas abrem a possibilidade, ainda na faculdade, de sair do convívio com os alunos e professores e conhecer gente do mercado, diretores importantes, como o Kleber Mendonça, que fez *O som ao redor*. Tornamos amigos. Convivi com esses caras fazendo curtas e vi a virada de carreira deles com os longas. Pensei que, se eles conseguiam, eu também poderia.

DC: Quais as passagens que você considera mais importantes no seu percurso de trabalho com cinema até aqui?

Gregório: Ganhei o Festival do Minuto, enquanto estava na faculdade, em 2005. Depois, o meu primeiro filme mesmo foi em 2007, o *Saba*, sobre os meus bisavós. E olha só que interessante: na 4ª série, eu tinha que entregar um trabalho no Dante, acho que para o Dia dos Pais, e eu não queria escrever. Então, eu entreguei um vídeo, gravado com a câmera do meu tio. Sou eu entrevistando o meu bisavô, meus avós e meu pai. E a primeira pessoa com quem eu falei foi o meu bisavô. E ele foi o protagonista, anos depois, desse meu primeiro curta. Meus bisavós estavam casados havia 80 anos e eu filmei um dia da vida deles. Um registro sobre como o tempo passava por eles e a relação com a casa. Dois anos mais tarde, eu filmei o meu bisavô de novo, depois que a minha bisavó, Francisca, faleceu (ela tinha 104 anos). O material resultou no curta *Phiro*, apelido dado a ele por ela (ele se chamava Porphirio).



Recebendo o primeiro livro, em 1991, na tradicional Festa do Livro do Dante; ao lado, em foto para álbum de classe em 1992; e com amigos (alguns que mantêm até hoje), já no Ensino Médio



DC: E foi com o Saba que você foi para Cannes, pela primeira vez, certo?

Gregório: Foi. Ainda estava na faculdade. No festival de Cannes tem vários degraus: a Palma de Ouro – o maior deles, Um Certo Olhar, Festival de Curta e o Cine-Fundação. Este último busca quem são os autores nas escolas. E foi nele que o *Saba* entrou. O legal foi que o filme circulou muito depois. E aí fui descobrindo quais eram os festivais importantes, e inscrevendo meus trabalhos em todos. Foi bom para entender quais são os perfis de cada um.

DC: E quando você percebeu que era chegada a hora de fazer o primeiro longa?

Gregório: As pessoas que escolhem os curtas em Cannes vão acompanhando a nossa carreira. E uma delas, um dia, me disse: “Seus filmes estão em todos os festivais importantes, mas eu quero ver você fazer um longa.” Eu estava lá, confortável, fazendo curtas e foi um chacoalhão. Dei razão a ela. O curta é um formato independente que é muito importante, mas eu senti que estava ficando um pouquinho preguiçoso.

DC: Mas o roteiro do *Obra*, seu primeiro longa, já estava em mente?

Gregório: As ideias foram chegando e eu precisava expressá-las. E aí você tem que deixar elas tomarem conta de você. O Federico Fellini falava: “Fazer filme é como uma doença, que, ou você coloca para fora, ou você morre.” E comecei a externalizar, mas não sabia escrevê-la. Então, desenhava as cenas, as histórias e os personagens, e só depois comecei a fazer o roteiro.

DC: Como o Fellini, naquele “O livro dos sonhos”, em que aparecem os desenhos dos sonhos dele — muitos viriam a ser as suas personagens.

Gregório: Sim! O Fellini sempre foi um cineasta mais para o imaginário. Só que, no momento em que ele fala “eu vou desenhar a partir dos meus sonhos”, o material criativo vem de outro lado. Porque, quando você escreve, pensa-se muito. Mas, quando ele decide criar, a partir do lado imaginário, os filmes viram quase um sonho!

DC: E você também sonha muito?

Gregório: Quando eu estava escrevendo o roteiro de *Obra*, tinha algumas situações que

“(…) na 4ª série, eu tinha que entregar um trabalho no Dante, acho que para o Dia dos Pais, e eu não queria escrever. Então, eu entreguei um vídeo, gravado com a câmera do meu tio. Sou eu entrevistando o meu bisavô, meus avós e meu pai. E a primeira pessoa com quem eu falei foi o meu bisavô. E ele foi o protagonista, anos depois, desse meu primeiro curta [Saba]”



Cena do primeiro curta do cineasta, Saba, que lhe rendeu uma premiação em Cannes

“Quando eu estava escrevendo o roteiro de *Obra*, tinha algumas situações que ficavam na minha cabeça e eu não conseguia achar uma saída. E, em alguns momentos em que eu estava meio dormindo, meio acordado, as ideias saíam. Eu tenho certeza de que algumas soluções eu nunca ia achar consciente. DC: Em quanto tempo você escreveu e gravou? Gregório: Foram três anos ao todo, dois só para o roteiro. DC: O *Obra* tem elementos autobiográficos? Gregório: Alguns, sim. Os nomes do casal protagonista – Elizabeth e João Carlos são os mesmos dos meus pais. O protagonista é um arquiteto que consegue se expressar apenas por desenhos – como aconteceu comigo no início do roteiro. E a história também passa pela arquitetura de São Paulo e por essa vivência claustrofóbica de se morar aqui. Por isso, durante todo o filme, não aparece o céu da cidade, para demonstrar a falta de horizonte. Uma panela de pressão que acarreta o físico da personagem. DC: E você já estreou em grande estilo! Gregório: O *Obra* foi especial. Ele estreou em Toronto, que é um dos melhores festivais do mundo, como Cannes e Veneza, e foi o único brasileiro que passou lá. Entrou em uma categoria de Primeiros Realizadores. Tem uma quantidade grande de cineastas jovens brasileiros crescendo e, nesses festivais, dá muita ansiedade e nervosismo ao ser chamado. Quando os filmes entram em determinados festivais, eles mudam a percepção que as pessoas terão deles. Os festivais são como “chancelas”. DC: Você estava acostumado a filmar curtas, que demandam um trabalho mais breve. Não enjoou do *Obra* em nenhum momento da trajetória? Gregório: Não, porque eu acho que tem esse sentimento de uma ideia que precisa ser feita. E o legal é que você pode escolher com quem quer trabalhar. Eu escolho pessoas que, mesmo sem muita experiência, têm qualidade e de quem gosto de estar junto. É um crescimento mútuo. Não só eu me superei, mas todos. O fato de querer sempre tirar o melhor de você e dos outros não deixa a garra se perder. Quando se conduz o trabalho desse jeito, você está sempre disposto a se doar para ele. DC: O filme mostrou-se fiel às suas ideias iniciais, ou elas se transformaram ao longo do processo? Gregório: O sentimento inicial está lá, mas mais



Divulgação



Acima, Gregório Graziosi e o ator Irandhir Santos, em meio à gravação de *Obra*, que aconteceu entre janeiro e fevereiro de 2013; à esquerda, cena de *making of* do mesmo longa



No alto, plano final do sítio arqueológico do Largo da Batata, como ficou em *Obra*; mais abaixo, os atores Irandhir Santos e Júlio Andrade em cena do mesmo filme

complexo. Você vai mudando, mas é como se estivesse cavando um buraco no mesmo lugar, para encontrar o que estava procurando. Acho que o filme ficou até melhor do que eu esperava.

DC: E quando você o viu no cinema, como foi?

Gregório: Confesso que ainda não consegui vê-lo, assim, ainda...

DC: Não?!

Gregório: Não dá para ficar nas sessões, não com a plateia. Tenho que segurar muito as pontas. Apresentar a sessão e responder às pessoas depois. Se eu vir, vou me emocionar e não vou dar conta. Na estreia brasileira, no Rio de Janeiro, estava toda a minha família e boa parte do elenco. Aí, foi só no tranquilizante.

Mas o fato de eu não assistir é uma forma de eu cortar o cordão umbilical com ele, para pensar no próximo. Estou com a sensação de que eu dei o meu melhor e ele está ali.

DC: Dá para adiantar um pouco sobre o tema do novo roteiro?

Gregório: Estou entre duas ideias. Uma, sobre uma atleta de saltos ornamentais que fica com um zumbido no ouvido o tempo todo – potencializado pelo barulho da cidade. A outra é sobre a casa da minha avó, na Vila Mariana. Ela não mora mais lá, mas a casa é uma das poucas sobreviventes do bairro, que vem sendo verticalizado. Não adianta, a arquitetura está sempre presente em mim. ■

Para assistir:

Você pode encontrar o curta-metragem *Saba* e o trailer de *Obra*, no canal do Youtube. Já *Salto* e *Monumento* estão no Vimeo.

Da visão crítica da loucura à sua inclusão social

Como o Brasil inspirou-se (e ainda se inspira), na luta pela própria reforma, no movimento da psiquiatria italiana

Por Fernanda Quinta

Início a leitura de *O que é loucura*, de João Frayze-Pereira (daquela clássica coleção Primeiros Passos), encucada com a acepção do termo “loucura”. De repente, entra no café uma senhora – por certo, com seus mais de 70 anos –, olhando deslumbrada para as prateleiras repletas de caixas de chocolates, umas mais sortidas que outras. “Procuro um presente”, comenta. Procura daqui e dali, escolhe uma delas, mas volta atrás: “Essas garrafinhas de chocolate são tão bonitinhas.” Finalmente paga, e a atendente coloca o que foi escolhido na sacolinha. Já de saída, surpreende-se: “Vocês não embrulham o chocolate?” A moça responde que não. Hesita um momento e, antes de sair, resmunga: “Pensei que vocês embrulhassem!” Instantes depois, a funcionária deixa escapar: “É uma louca mesmo.” Em seguida, entra uma mulher de meia-idade, depara-se com a mesma estante colorida e exclama em tom de pergunta: “Vocês já estão vendendo panetones!? Isso é uma loucura!”

Está na boca do povo, virou até clichê, pode perguntar a qualquer um: “Para você, o que é ser louco?” Trata-se de uma figura com desvio social, desequilibrada, perigosa? Ou uma figura destemida, que desconstrói e nega o mundo ao seu redor? As mais diversas acepções virão à tona. Simão Bacamarte, personagem de Machado de Assis em *O Alienista*, buscou sofregamente elucidar a loucura e, inclusive, classificá-la. Não chegou a outra conclusão: o perfeito equilíbrio mental é uma loucura. Ou um mal dos tempos modernos?

Não faz muito tempo, ela ganhou status de doença mental e tornou-se, portanto, responsabilidade da medicina. Foi em 1841

que o Brasil viu surgir seu primeiro hospício, o D. Pedro II, no Rio de Janeiro – daí, bastou um pulo para os manicômios se espalharem pelo país. O objetivo era tanto medicar como isolar socialmente os alienados mentais. Afinal, os sujeitos-loucos eram sinônimo de periculosidade e marginalidade. No entanto, esse cenário, que perdurou por décadas a fio, estava longe de corresponder às reais necessidades dos portadores de transtornos psiquiátricos – e, por que não mencionar, de suas famílias – e dos profissionais de saúde (técnicos, enfermeiros, residentes, psiquiatras).

No final dos anos 1970, quando se iniciava o processo de redemocratização do país, uma série de debates lançava críticas e propostas ao modelo assistencial (apontado como ineficiente e estigmatizante em relação à doença mental) e ao saber psiquiátrico praticados até então, almejando também melhorias trabalhistas e no campo técnico. Estava lançado o embrião da chamada reforma psiquiátrica, que, desde então, receberia grande influência do psiquiatra italiano Franco Basaglia e do movimento Psiquiatria Democrática Italiana (PDI), fundado em Bologna, em 1973.

Na Itália, a crítica àquele paradigma da psiquiatria clássica despontou nos anos 1960 no manicômio de Gorizia e, de forma mais radical, em Trieste, em outubro de 1971. Nesta última cidade, Basaglia iniciou um processo de desmonte da estrutura manicomial (desinstitucionalização), processo cujo resultado serviria, aliás, de modelo para mudanças verificadas até mesmo fora do território italiano.

O modelo de Trieste

A cidade acompanhou a construção de sete centros de saúde mental (espécie de ambulatório), um para cada região de Trieste. Cada unidade, preparada para atender de 20 a 40 mil habitantes, mantinha-se aberta todos os dias da semana e 24 horas por dia. Dessa forma, os ex-internos do manicômio envolveram-se nas chamadas cooperativas de trabalho, criadas com fins de produção artística, intelectual e prestação de serviços, as quais ganharam importância para a dinâmica e a economia tanto dos centros de saúde mental como de toda a cidade (hoje as cooperativas receberam o status de empresas sociais). Também foram criados grupos-apartamentos, destinados à residência de pacientes, sozinhos ou com cuidadores, e, para não dizer que os hospitais sumiram, o centro de diagnose e cura tinha leitos em número muito menor, até em relação ao previsto pelas normas, funcionando apenas como ponto de apoio e de maneira integrada aos demais centros de saúde mental.

Os habitantes da cidade viam crescer, portanto, uma nova maneira de socialização de seus sujeitos-loucos. Desinstitucionalizar não significava apenas desospitalizar (extinguir o manicômio), mas desconstruir o imaginário social, isto é, apagar a tutela do psiquiatra, a exclusão e a periculosidade como características inerentes às doenças mentais.

Da lei Basaglia aos CAPs nacionais

A Psiquiatria Democrática Italiana surgiu como movimento político para viabilizar a reforma psiquiátrica segundo os princípios basaglianos, dando impulso à consolidação da lei Basaglia, de 13 de

maio de 1978, que introduziu importantes avanços na assistência psiquiátrica na Itália. Essa corrente, é claro, respingou no Brasil, impulsionando os movimentos de humanização do tratamento dos distúrbios mentais e a desinstitucionalização. Com isso, muitos sujeitos, antes submetidos a regimes de internação, ganharam liberdade.

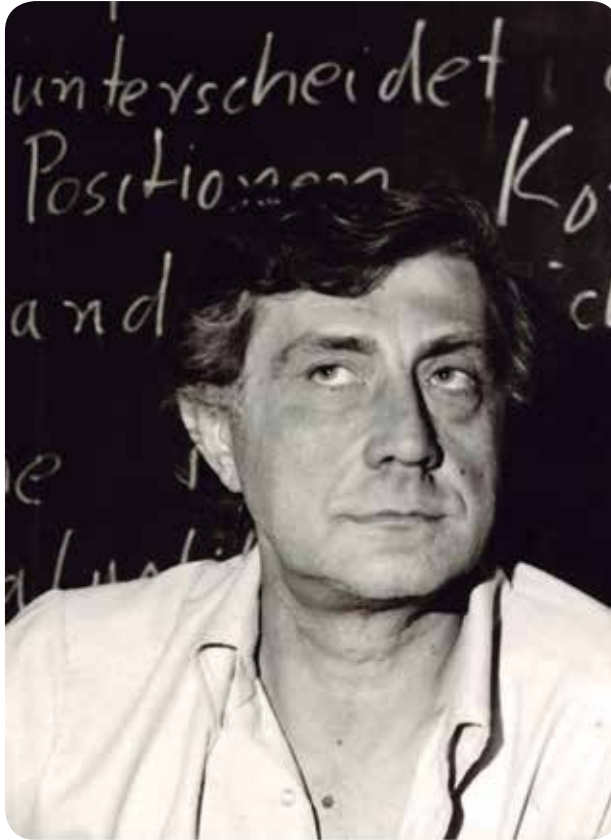
Bandeira da reforma psiquiátrica no Brasil, o atendimento ambulatorial, que proporciona ao indivíduo liberdade para ir e vir, ganhou prioridade em 2001, com a nova Política de Saúde Mental, por meio da abertura de Centros de Atendimento Psicossocial (CAPs), em substituição aos hospitais psiquiátricos. A transição, porém, continua lenta e desafiadora: ainda vivemos em uma sociedade marcadamente manicomial.

Criemos, pois, novos centros de atendimento psicossocial e estratégias de inclusão de nossos sujeitos-loucos. Cabe refletir, no entanto, se isso bastará para o bem-estar e o tratamento desses indivíduos, ou se políticas direcionadas à população geral, ainda incapaz de

conviver com a loucura – na acepção sugerida de doença mental –, serão fundamentais para o êxito de qualquer luta antimanicomial.

Antes de sair do café, dei-me conta de que, dependendo do ponto de vista (ou da loucura de quem vê), qualquer pessoa pode ser taxada de louca. Por isso, não posso deixar de comentar o que, segundo o meu modo de enxergar, é, sim, uma loucura: os seguranças às portas de cafés, com o mesmo olhar e igual postura, em silêncio profundo, com divagações internas e uma batalha hercúlea para manter-se sãos. ■

Harald Bischoff CC-BY-SA



“A psiquiatria sempre colocou o homem entre parênteses e se preocupou com a doença”, Franco Basaglia, em A psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática

Por **Julia Alquéres,**
Luisa Destri*
e **Marcella Chartier**

Do figurativo ao abstrato

“**S**empre pintei o que senti”. Essa simples frase, do pintor Alfredo Volpi (1896-1988), expressa o tom do conjunto de 18 quadros que compõem a exposição “Os Volpis do MAC”, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Seleccionadas pelo artista plástico Paulo Pasta, as obras pertencem ao museu, que tem a maior coleção de arte italiana fora da Itália.

Considerado um dos mais importantes nomes da segunda geração do modernismo, Volpi foi um pintor versátil: transitou do figurativo ao abstrato, sem se prender a uma única tendência ou movimento artístico. A exposição mostra justamente a transformação da maneira como esse artista ítalo-brasileiro, nascido em Lucca, abordou a realidade ao longo de sua carreira.

O início de sua produção foi marcado por obras figurativas, como retratos e paisagens. Mas nos anos 1930, sob a influência do pintor italiano Ernesto de Fiori, passou a trabalhar com mais liberdade estética. A doença de sua mulher e a mudança do casal para Itanhaém, litoral de São Paulo, em 1939, também transformou a arte do pintor ítalo-brasileiro, que seguiu cada vez mais em direção ao abstrato. Influenciado por fontes tão distintas, do modernista Matisse ao renascentista Giotto, Volpi deixou a tinta a óleo e passou a utilizar a têmpera. São da década de 1950 as famosas bandeirinhas, que podem ser



Bandeirinha, 1958



Mogi das Cruzes, 1939

Exposição “Os Volpis do MAC” - MAC USP Ibirapuera
Av. Pedro Álvares Cabral, 1301 - Telefone: 5573-9932
Terças, das 10h às 21h; quarta a domingo (e feriados),
das 10h às 18h. Até 30/12/2014

Divulgação

Uma relação visceral com a origem do som



Em dezembro, São Paulo recebe a peça musical alemã mais executada em época de Natal em todo o mundo, *O Messias*, de Georg Friedrich Händel, regida pelo ítalo-brasileiro Martinho Lutero Galati de Oliveira, um dos mais importantes maestros da atualidade.

contempladas nos quadros *Bandeirinhas* (1958) e *Barco com bandeirinhas e pássaros* (1955).

A exposição traz também curiosidades, como o quadro *Carnaval Infantil de Cananeia* (1955), um dos casos raros de uso de fundo preto no trabalho desse artista, que sempre deu muita importância à cor em suas obras. (Julia Alquéres)

O concerto recebe também três participações italianas: a famosa cantora italiana Luciana Serra, o violinista da orquestra Barucco de Viena Fani Vovoni, e o barítono Davide Rocca.

“Teremos ainda o Coral Paulistano junto com o Coro Luther King e as cordas da Orquestra Experimental de Repertório”, diz Martinho Lutero, que também é fundador do Coro Luther King. Criado durante a ditadura em São Paulo, “passou a ser uma referência de resistência cultural, além de vanguarda musical”, como conta o maestro, cuja carreira tem muitos momentos especiais. Entre eles, a regência de mil vezes pela paz, na Catedral de Milão, cantando obras de Stravinsky e Leonard Bernstein, com um público de quase 7 mil pessoas.

Hoje divide seu tempo entre Brasil e Itália, onde colabora com seminários e masterclasses no Istituto di Musicologia di Milano. “Ao povo italiano devo grande parte do que hoje sou musicalmente e como ser humano”, diz. Também destaca a importância de ter vivido na África: “Aprendi uma

relação com a música que nós, ocidentais, já esquecemos; uma relação mais visceral, mais autêntica, umbilical, com a origem do som.”

Ir ao concerto é uma bela maneira de escutar de perto todo esse saber do maestro ítalo-brasileiro. O espectador tem duas chances: dia 13 de dezembro no Auditório Ibirapuera, com ingressos gratuitos, e dia 14 no Theatro Municipal, com preço popular. (Julia Alquéres)

O Messias, HWV. 56 - GEORG FRIEDRICH HÄNDEL

Orquestra Experimental de Repertório

Carlos Eduardo Moreno – Maestro

Coral Paulistano Mário de Andrade

Martinho Lutero Galati de Oliveira – Regente

Coro Luther King

Auditório Ibirapuera

Av. Pedro Álvares Cabral, Portão 2,

Parque Ibirapuera - (11) 3629-1075

13/12, às 18h - Entrada Gratuita.

Theatro Municipal

Praça Ramos de Azevedo, s/nº.

(11) 3053-2100

14/12, às 17h - Ingressos a R\$ 1,00

Calvino, precursor de Calvino

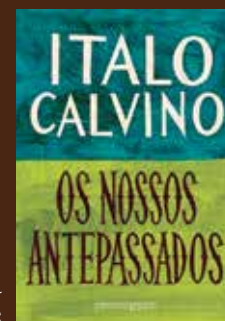
Esta edição de bolso reúne três dos mais notórios romances de Ítalo Calvino, editados também separadamente: *O visconde partido ao meio* (1952), *O barão nas árvores* (1957) e *O cavaleiro inexistente* (1959). Para além da praticidade – que condensa os textos sem comprometer a experiência física da leitura –, seu grande atrativo é o breve prefácio. Escrito em 1960, a apresentação desenvolve-se sob o esforço do autor em definir o conjunto como “três níveis de aproximação da liberdade”. É curioso o tom de distanciamento adotado por Calvino, que procura desvendar historicamente a própria ficção, embora ainda próximo do momento de escrita. A redação de *Il visconte dimezzato*, em 1951, seria, por exemplo, uma espécie de “passatempo particular”, iniciativa de alguém “zangado comigo e com tudo”, dada altura em que a intervenção política direta cedia lugar ao “grupo intelectual das grandes cidades, de terno cinza e colarinho branco”. Já o livro de 1959 corresponderia a uma “época de perspectivas históricas” bem diversas de 1951 e 1957.

Ao mesmo tempo que narra o processo de composição dos três livros, discutindo

necessidades criativas, como a composição da freira escritora em *O cavaleiro inexistente*, o romancista une-se ao ensaísta, procurando avaliar o êxito de seu trabalho segundo o que havia proposto a si mesmo. O ofício literário corresponde a “encontrar a relação justa entre a consciência individual e o curso da história”, postula. Quando escreveu os romances, ocupava-se do tema da “perda de uma parte de si mesmo”; quando publica a trilogia, está atento ao problema subjetivo “da perda total, o de não ser mais nada”.

Apesar da tentativa de se distanciar de sua criação, Ítalo Calvino acaba conferindo à ficção algo que revela muito de si mesmo, a julgar pelo próprio prefácio. Como Medardo, partido ao meio, pode-se tratar de “uma pessoa que impõe voluntariamente uma regra difícil e a segue até as últimas consequências, pois sem esta não seria ela mesma nem para si nem para os outros”. Apresentadas assim, as regras dos antepassados parecem remeter ao próprio autor, mais que a todos nós. (Luisa Destri)

Os nossos antepassados, Ítalo Calvino, tradução de Nilson Moulin, Companhia de Bolso, 424 páginas, 29,90 reais



Murilo Mendes, o poeta universal

Primero livro escrito inteiramente após o estabelecimento de Murilo Mendes (1901 – 1975) na Itália, *Convergência* é lançado na primeira leva da tão esperada reedição da obra do poeta mineiro pela Cosac Naify. Em conjunto com *Antologia poética*, *Poemas (1925-1929)* e *A idade do serrote*, sua publicação dá a medida da grandeza do autor – certa vez definido como o poeta mais poeta da literatura brasileira.

Os poemas, publicados inicialmente em 1970, testemunham a imensa abertura de Murilo para a pesquisa formal. Ele estreia sob o modernismo, mas logo revela a influência do surrealismo; mergulha no catolicismo, sem contudo encontrar alívio para as angústias de quem deseja intervir poeticamente nas feridas da sociedade.

“Anárquico alicaído/ Insoferente do século”, define-se o poeta. Ao reunir a palavra de formação latina (“alicaído” – de asas caídas) e o termo italiano (*insofferente* – impaciente), os dois versos discretamente apontam para uma característica central de *Convergência*: a vivência da alta cultura europeia pelo “poeta brasileiro de Roma”, como o identificou o italiano Ruggero Jacobbi (autor de artigo incluído no volume).

O livro é dividido em três seções. Na primeira, os poemas, intitulados “Grafitos”, inscrevem-se como nos muros de uma cidade, homenageando figuras tão diversas como o renascentista Paolo Uccello e o artista plástico, contemporâneo do poeta, Giuseppe Capogrossi. Na segunda parte, os “Murilogramas” exibem a desenvoltura com que o autor transita entre linguagens, tempos e geografias diversos: Dallapiccola é o músico que “sacraliza o espaço laico”; a homenagem ao poeta Nanni Balestrinni é extensiva a Dante, Petrarca e Leopardi, que “Operaram quando ainda/ Subsistia/ O homem-metáfora”. Já a terceira parte, “Sintaxe”, é a prova de que, mesmo emigrado, Murilo jamais esteve alheio à cultura brasileira. Dedicada a Oswald de Andrade (1890-1954), a seção está bem próxima da experimentação formal encabeçada pelos poetas concretistas. “O texto é objeto concreto/ Abstrato/ Ou concretoabstrato?”, pergunta-se o eu lírico, que afirma ainda: “A palavra nasce-me/ [...] ressuscita-me”. É chegada a hora de ouvir os italianos, que em 1972 lhe concederam o prêmio de poesia Etna-Taormina, ou Manuel Bandeira, que há muito conclamou: “Saudemos Murilo/[...]// Saudemos o grande poeta.” (Luisa Destri)

Convergência, Murilo Mendes, Cosac Naify, 256 páginas, 36,90 reais



volume).

Uma forma de bolo + uma colher = um gongo

Partindo de uma ideia tão desafiante quanto admirável, *Meu primeiro livro de música* propõe introduzir as crianças no conhecimento e no domínio dos sons. Seu ponto de partida é o mais simples possível: “Tudo é música, você só precisa saber escutar, principalmente com o coração!” Seu objetivo máximo, preparar os pequenos para tocarem as primeiras canções na flauta e no piano.

Para isso se deve, em primeiro lugar, aprender a ouvir — o que implica atenção inclusive aos sons do dia a dia, presentes na rotina de casa. É preciso também notar como o nosso corpo e os nossos movimentos são capazes de gerar música. Com uma noção mais abrangente dos sons, o leitor é então chamado a construir seus próprios instrumentos (caixa de sapatos + seis elásticos + papel-cartão = caixa-violão), ler partituras e compor suas canções.

Resultado de mais uma parceria entre as autoras Carla Magnan e Gabriella Solari e a ilustradora Jenny Campello, já

versadas no gênero, a publicação não dissimula a dificuldade do tema, nem a toma como desculpa para abandonar o leitor em seu esforço de compreensão. O formato em apostila sinaliza o modo mais adequado de leitura: tomar o livro como estímulo e guia para o aprendizado, que deve envolver pais e filhos, adultos e crianças, no desenvolvimento das noções musicais. Enquanto a criança é estimulada a cantar como “um elefante que caminha tranquilo” ou “uma simpática tartaruga que passeia”, o adulto pode, por exemplo, mostrar as diferentes intensidades, durações, compassos do canto do pequeno. Da travessia faz parte ainda a reunião de toda a família em uma orquestra, formada por instrumentos como folhas de jornal, tampas de panela, garrafas, sacos de areia... (Luisa Destri)

Meu primeiro livro de música, Carla Magnan e Gabriella Solari, ilustrações de Jenny Campello, tradução de Juliana Amato e consultoria de Cristiano Rangel, Girassol, 89 páginas, 39,90 reais



Piadinas e menu executivo

Pode confiar no respaldo que o letreiro sugere: os embutidos do Via Emilia são mesmo de alta qualidade, como os da Emilia Romagna, região italiana que inspirou o nome do restaurante, em Pinheiros, considerado (pela revista *Veja*) o lugar onde se degusta o melhor sanduíche de São Paulo. Via Emilia era o nome de uma antiga estrada da região, que até hoje é famosa pelo *presunto di Parma*, pelo queijo *parmigiano reggiano* e por vários outros embutidos e massas. A referência à estrada se materializa nas minilambretas coloridas sobre as mesas (e uma no tamanho original, recebendo os clientes já na entrada, sob um tampo de vidro no chão).

O Via Emilia é uma “piadineria”, ou seja, especializado em *piadina*, invenção também

de italianos da Emilia Romagna: um pão finíssimo e leve feito apenas de farinha de trigo, água, sal e gordura animal.



Rogério Voltan

No cardápio, é possível encontrar opções mais clássicas, como a que leva o nome do restaurante e contém presunto cru, mozzarella de búfala, rúcula, tomate e azeite trufado (R\$ 30,90), mas também algumas mais ousadas, como a *sassuolo*, feita de linguiça artesanal, coalhada seca, tomate ralado, coentro e beringela (R\$ 24,90). Qualquer opção acompanha salada ou chips de tubérculos. Também há piadinhas doces para a sobremesa: vá na de maçã caramelizada e canela, que acompanha sorvete de creme (R\$ 12,90).

Além das piadinhas, óbvias estrelas do menu, você pode ter uma grata surpresa com o menu executivo (R\$ 35 com salada, prato principal e sobremesa), como eu tive: provei um *spaghetti a carbonara al dente* e bem amarelinho, no ponto certo de uma receita simples que nem por isso qualquer restaurante acerta. Mérito da chef Laís Duo, neta de italianos, que é quem toca o Via Emilia. (Marcella Chartier)

Via Emilia Piadineria
Rua dos Pinheiros, 537 - Pinheiros
Tel. (11) 3062-2437

Horário de funcionamento: terça a quinta-feira, das 12 às 15h e das 19 às 23h (às sextas, abre no mesmo período durante o almoço e, no jantar, das 19h até a meia-noite); sábado, das 12h à meia-noite; domingo, das 12 às 17h.



Piadina de presunto cru e a chef Laís Duo

*Luisa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp.

Um serviço poético e coletivo

A italiana Lina Bo Bardi, que completaria cem anos em 2014, deixou uma obra que valoriza o convívio em espaços públicos com construções marcantes e intervenções certeiras, cheias de poesia

Por Marcella Chartier

No Brasil dos anos 40, um período em que modernizar era quase uma lei, especialmente no âmbito das artes e das ciências humanas, Lina Bo Bardi parece ter se recusado a tomar como caminho a busca por se tornar uma arquiteta de obras impactantes pela inovação e autoria heroicas. Mesmo assim — ou, talvez, justamente por isso — sua atuação na época e a obra que deixou causam, até hoje, um deslumbramento coletivo.

O melhor exemplo disso é o vazio mais famoso de São Paulo. A ideia do vão livre do Masp, museu projetado por ela, foi baseada em demandas e entregas, em contexto e ideais — apesar de parecer, a um primeiro olhar, uma extravagância que desafia a gravidade e que foi consolidada já com a pretensão de virar cartão-postal. Como define Olivia de Oliveira em “Lina Bo Bardi – Obra construída”, publicado recentemente pela editora Gustavo Gili (R\$ 140), “este espaço intermediário projetado por Lina é um lugar onde o sujeito é indivíduo livre e soberano, um lugar por definição aberto ao indeterminado, um vazio impregnado de possibilidades (...) dá lugar ao contingente, ao inesperado, ao

acidental, e também a tudo aquilo que nossa sociedade tenta negar e repudiar, o subterrâneo da realidade, aquilo que está oprimido, mas não suprimido”. O fato de o local ser um ponto de partida de manifestações políticas, feiras, sessões de cinema, performances artísticas, entre tantos outros acontecimentos, é a prova de que o projeto arquitetônico de Lina Bo Bardi atendeu a uma demanda latente com maestria — e poesia.

Poesia, aliás, era um dos ingredientes da arquitetura, para a própria Lina que, apesar disso, recusava o rótulo de “arte” para sua profissão. O fazer poético estava na elaboração de projetos sensíveis às necessidades humanas, no encontro com o que há de mais simples e preciso (ou precioso?), como deve ser o momento de escolha das palavras de um poema. E os efeitos das suas edificações deveriam ser também os mesmos de quando se lê em voz alta e se ouve uma poesia: coração e alma tocados, alimentados, satisfeitos.

Não à toa, o que completava o conceito de arquitetura, para ela, era a função de “serviço coletivo”. Poesia para todos, portanto — e não como luxo, mas como direito. Foi assim que ela retribuiu o encanto provocado pelo Brasil desde



Foto de Francisco Albuquerque / Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil

as primeiras horas passadas por aqui, em 1946, quando chegou da Itália, para nunca mais viver em outro país.

E Lina Bo Bardi era uma mulher que impunha seus caminhos de uma maneira toda particular. Era ativa para poder ser generosa, tinha firmeza em suas posturas e ia conquistando, assim, o respeito que merecia para concretizar o que planejava. Como já disse o diretor José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina (projetado por ela), a movimentação das pessoas em torno dela era “uma coisa maoísta”, todos se uniam para executar o que ela propunha, certamente por serem contagiados pelo profundo envolvimento que Lina tinha em tudo o que fazia. E isso não valia apenas na edificação de seus projetos arquitetônicos, mas na produção das exposições que ela montava, na criação de cenários teatrais, na elaboração de revistas e até mesmo nos

A arquiteta, na década de 1950, na escada da Casa de Vidro, onde morava

almoços que fazia em sua casa. “Enfeitava a sala, dizia tudo o que tinha que ter na mesa, era incrível, o tempo todo participante. Ela tomava conta de tudo, era uma grande tomadora de conta”, lembra André Vainer, arquiteto que trabalhou com Lina, organizador (em parceria com o também arquiteto que foi colaborador da italiana, Marcelo Ferraz) da exposição “Arquitetura Política”, no Sesc Pompeia até 14 de dezembro. A exposição é uma das quatro que se espalharam pela cidade para homenagear Lina, que completaria cem anos no dia 5.

Uma escada para te conduzir

Talvez essa qualidade de estar envolvida em cada etapa desses processos refletisse parte

da intenção de Lina de se manter no papel de condutora que ela tanto gostava. Mesmo quando se tratasse de deparar todos com um vazio onde coubesse o imprevisto, ou até com um lugar em que parte da grande revelação do destino final fosse a própria reflexão sobre o percurso. As escadas de Lina materializam essa segunda situação.

Na Casa de Vidro, que projetou e construiu entre 1951 e 1955 para viver com o marido, o jornalista e galerista de arte Pietro Maria Bardi, a entrada é uma escada que perfura a casa por baixo. Aberta, muda de sentido quando se chega ao meio do caminho e impõe, na pausa, um convite à observação do horizonte paulistano — naquela época, mais limpo e verde do que hoje, mas graças à vegetação plantada por Lina em todo o terreno ao redor da casa, a sensação de estar em meio à natureza se mantém. E o que parece uma despedida dessa natureza antes de entrar em um ambiente fechado é, na verdade, uma amostra da sensação de que tudo permanece semelhante quando se chega à sala. Andando pelo piso de pastilhas azul-claras, é possível observar, por todos os lados, através de paredes de vidro, a selva particular de Lina e uma São Paulo já submersa em uma enorme nuvem de poluição pontuada por andares construídos. Interno e externo se misturam, se integram.

**Lina Bo Bardi
na escada do
belvedere do
Masp, em 1973**

A escada do Solar do Unhão, em Salvador, segue a mesma proposta condutora da escada da Casa de Vidro. Foi a única intervenção substancial de Lina quando a arquiteta assumiu, em 1959, a tarefa de restaurar o espaço que já foi de entreposto de escravos a fábrica de rapé e se tornou o Museu de Arte Popular do Unhão — e, depois, Museu de Arte Moderna da Bahia. De madeira e sem corrimão, ela gira em direção ao andar superior no centro da edificação, convidando os visitantes a passear o olhar por cada canto do espaço.

E Lina veio de outro país para nos fazer este convite: olharmos para o nosso. Fascinada pela cultura popular, ela reuniu, mais de uma vez, utensílios domésticos, de colheres a outros objetos, pilões, santos, imagens do candomblé, brinquedos, armas, entre outros artefatos, em exposições de forte cunho político. “Esta exposição é uma acusação. Acusação dum mundo que não quer renunciar à condição humana apesar do esquecimento e da indiferença. É uma acusação não humilde,





Acima, ilustração de Lina feita em guache sobre papel-cartão, sem data. Ao lado, desenho em aquarela, grafite e nanquim sobre o mesmo tipo de papel, também sem data

que contrapõe às degradantes condições impostas pelos homens um esforço desesperado de cultura”, dizia o texto escrito por ela e publicado originalmente no catálogo da exposição *Nordeste*, que inaugurou o museu do Unhão, em 1963. Esse e mais alguns escritos de Lina foram reunidos no livro “Lina por escrito”, de 2009 (Cosac Naify, R\$ 69).

Entender que arte, arquitetura e/ou qualquer produção cultural era algo que nascia da realidade de cada lugar e que, portanto, a refletia, parecia um raciocínio descabido no Brasil que ela encontrou quando chegou. E uma proposta como essa, partindo de alguém que tinha um lastro acadêmico respeitável, soava ainda mais inusitada. Mas ela era resoluta em suas considerações e iniciativas. “Ela era muito intransigente”, lembra, com carinho, André Vainer. “Mas era porque ela tinha muito estudo, havia passado pela Universidade de Roma, por um ensino acadêmico fortíssimo, com um conhecimento grande de técnicas e detalhes arquitetônicos, de unidade.” Lina sabia o que queria e como queria. E trabalhava muitas horas por dia para chegar aos resultados que desejava.

“Quanto menos cacareco, melhor”

“Se alguém vier me perguntar como deve ser um tapete ou a cor da cortina, eu digo: ‘não, senhora, não dá’”, disse Lina em entrevista concedida a Olivia de Oliveira em 1991. Uma arquitetura resumida à decoração e à escolha de ornamentos para a casa foi um equívoco aparentemente inevitável até que o peso de sua contribuição para a arquitetura moderna fosse reconhecido.

A incursão de Lina em áreas como o design de mobiliário (são famosas as cadeiras projetadas por ela, especialmente o modelo Bowl, de 1951), as tantas ilustrações em que reproduzia interiores e os textos redigidos no início da carreira sobre esses temas podem dar uma pista sobre as conclusões equivocadas. De qualquer forma, nem mesmo essas se mostram justificativas plausíveis se enxergarmos o todo em perspectiva: interior e exterior, pequeno e grande, sutil e agressivo eram, para ela, palavras frequentadoras do mesmo mundo. O apuro estético sem fronteiras podia ser difícil de compreender em uma sociedade na qual tudo precisava de rótulo e caixa bem definidos. Em

todos os seus trabalhos, fossem eles como artista plástica, designer, cenógrafa e figurinista (em colaborações com José Celso Martinez Corrêa, no Teatro Oficina), museógrafa, professora (deu aulas e conferências em Salvador e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo entre 1955 e 1957), estava a mesma Lina arquiteta que se apegava à essência de cada propósito. “Quanto menos cacareco, melhor”, disse ela, certa vez, falando sobre arquitetura — mas ela agia assim em tudo o que fazia.

De qualquer forma, essa limitação na compreensão da obra de Lina Bo Bardi começou a se dissolver especialmente após a sua morte, em 1992. “O valor do trabalho dela como arquiteta foi reconhecido porque o mundo mudou. A Terra tem questões graves de clima e uma desigualdade econômica cada vez mais acentuada e explícita. A proposta da Lina incorpora o social, um pensamento humanista, mais próximo da realidade, e isso é muito forte hoje”, afirma André Vainer.

Dentro dessa proposta, a valorização histórica de espaços e edificações norteou o trabalho da arquiteta. O Solar do Unhão e o Sesc Pompeia são exemplos concretos disso.

“Ambos os edifícios tinham uma significação preexistente, uma convivência de pessoas — fosse por trabalho, sofrimento, mas uma convivência. A Lina sempre levou isso em conta na hora de projetar, tinha um olhar muito acurado para essa postura. E acredito que isso seja um caminho para a arquitetura especialmente em cidades como a nossa, em que não podemos ficar demolindo tudo para construir novamente, precisamos guardar o que temos”, diz Vainer.

E há ainda mais profundidade crítica nesse olhar, como observa Olivia de Oliveira, que também é arquiteta e dedicou seu doutorado à “obra construída” da italiana: “Como Lina, há profissionais preocupados com questões fundamentalmente atuais, alertando contra um modelo de sociedade de consumo massificada que cada vez mais despreza sua produção local, bem como seu valor criativo e transformador, e contra um tipo de arquitetura colonizadora que se instala sem criar qualquer relação com o lugar.”

Erguida em 1938, a construção que hoje abriga o Sesc era uma fábrica de tambores

Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil





Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil

Detalhes do Sesc Pompeia, que Lina chamava de “cidadela da liberdade”

A consagração do convívio

A construção que hoje abriga o Sesc Pompeia era uma fábrica de tambores. Em 1977, Lina começou a projetar a restauração dos galpões, que se encerrou em 1982. As intervenções arquitetônicas nos prédios originais, como ela mesma afirmava, foram poucas, mas substanciais, mantendo, em quem atravessa os portões da rua Clélia para adentrar um dos centros culturais mais interessantes de São Paulo, a sensação ambígua de se estar confortável em um lugar em que já houve tanto trabalho braçal.

Pois a ressignificação da fábrica, que foi convertida em ambiente de lazer, se deu justamente apoiada na verve daquelas paredes: a do convívio. O logo feito por Lina no mesmo ano da inauguração, em



O logo do Sesc Pompeia desenhado por Lina em 1982 condensava a ideia de ressignificação da antiga fábrica, convertida em área de lazer

que a chaminé libera flores no lugar da fumaça, é uma representação disso. Assim como no Masp (especificamente o vão livre), no Sesc Pompeia cumpriu-se exata e livremente o destino que a arquiteta desenhou: prevaleceu a convivência diversa, aberta e constantemente em movimento.

Teatro, choperia, mobiliário e até itens como o totem com sinalizador dos pavilhões, que recebe os visitantes logo à entrada, foram idealizados por Lina. As aquarelas coloridas e cheias de anotações da arquiteta estampam, hoje, cadernetas, camisetas, bolsas e outros acessórios vendidos na unidade (algumas estão no livro “Cidadela da Liberdade”, R\$ 60, organizado por Vainer e Ferraz e publicado pelo Sesc em 2013).

Aquarela de Lina para a Choperia do Sesc Pompeia

No lugar da privada, um museu

O lugar onde hoje está erigido um dos cartões-postais mais famosos de São Paulo poderia ter sido uma grande privada pública. Era esse, ao menos, o plano da Prefeitura quando Lina conseguiu que sua ideia de construir ali o grande museu de arte de São Paulo prevalecesse. Os primeiros estudos foram feitos em 1957, e as obras, finalizadas em 1968.

O vão livre foi parte da solução criada para atender a uma exigência feita à Prefeitura pelo antigo dono do terreno, quando este a favoreceu com a doação da propriedade: que o belvedere se mantivesse. Lina, então, dividiu a construção em dois prédios e, além disso, deixou livre o caminho para o belvedere — o vão do Masp.

O museu mais bonito que Oscar Niemeyer já viu, como o próprio afirmou à arquiteta, no entanto, não era apenas

Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, São Paulo, Brasil



o que se via externamente. A forma de exposição dos quadros tinha grande parcela de crédito por elogios como esse: Lina criou cavaletes de vidro que, apoiados em bases de concreto, se espalhavam expondo o acervo do museu livremente. A ideia era que os visitantes pudessem observar as obras de uma posição semelhante à dos artistas quando estavam pintando. E que se materializasse uma das brincadeiras (sérias) favoritas de Lina: tempos diferentes coexistindo, com quadros de várias épocas posicionados em proximidade.

Ao longo dos anos e com as alterações na administração do museu, os cavaletes foram guardados. Mas a nova direção do Masp, anunciada neste ano, garante que, em 2015, eles voltarão à galeria de pinturas. Mais uma ameaça à essência da proposta do museu parece também não existir mais, com a nova direção: a anterior pretendia gradear o vão livre, alegando a necessidade de bloquear o acesso de manifestantes e moradores de rua — e transgredindo, assim, o cerne da proposta de Lina Bo Bardi.

Nem todas as construções de Lina, no entanto, têm tido a mesma sorte. O Teatro Oficina vem sendo ameaçado pelo mercado imobiliário na região em que se encontra, o bairro do Bixiga: o terreno adjunto, pertencente ao Grupo Silvío Santos, pode dar lugar a um shopping center, o que inviabiliza a ideia inicial de expansão do teatro, que tornaria a área uma praça.

As duas situações refletem bem a conjuntura paulistana neste momento. De um lado, iniciativas em prol do uso dos espaços públicos e



Detalhes da lanchonete do Sesc Pompeia

Lucas Cruz



Lucas Cruz

Lina projetava pensando em promover e preservar o encontro e, no caso do Masp, a ideia era abrir um museu para o povo. Na foto, detalhe da construção, na Avenida Paulista. Ao lado, desenho de apresentação feito por Lina em 1965



coletivos têm aparecido cada vez mais; de outro, o mercado imobiliário segue demolindo a cidade para torná-la cada vez mais verticalizada. André Vainer acredita que esse embate sempre existiu. “A gente não pode fazer luta armada contra a especulação imobiliária. Mas podemos criar leis, limites, organismos de fiscalização”, opina o arquiteto, que é otimista. “Ainda estamos padecendo, mas acredito que temos condições de conter a destruição da cidade. Se a gente tiver que preparar a cidade para cada uma dessas situações [referindo-se a manifestações e o uso dos espaços públicos por moradores de rua, por exemplo], a gente não faz uma cidade decente, mas um *bunker*. A luta pelo espaço urbano coletivo é fundamental.” Talvez essa seja a melhor forma de reviver o legado de Lina Bo Bardi: olhando para o futuro sem desconsiderar o passado e fazendo prevalecer o convívio. ▣



Lucas Cruz

Teatro Oficina, projetado por Lina, que também trabalhou com o diretor José Celso em cenários e figurinos

Soul

JARDINS

JARDINS

ENTRE A OSCAR FREIRE E A LORENA

A 900M APÉDO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI*

OPERA



Conheça aqui o 4 dorms. perfeito e com lazer completo no coração dos Jardins. Um dos apartamentos mais modernos e no centro de tudo. Este pode ser o seu novo endereço.

205 e 346m²

4 e 6 VAGAS

LAZER COMPLETO | DEPÓSITO PRIVATIVO

DIFERENCIAIS

Mais de 18 diferenciais e justificativas para adquirir o Soul Jardins, veja aqui alguns deles:



Isolamento acústico entre pavimentos nas salas e dormitórios.



Pontualidade de entrega Constrac



1 apartamento por andar



Qualidade de acabamento

RUA CAÇAPAVA, 54 / JARDINS

INCORPORAÇÃO, CONSTRUÇÃO E VENDAS



3854-6110

VENDAS



5586-5677

www.souljardins.com.br

O Empreendimento só será comercializado após o registro do Memorial de Incorporação no Cartório de Registro de Imóveis sob os termos da Lei nº 4.591/64. Comercialização: Engenharia Construtiva LTDA - Creci 024325/J - Rua Dr. Eduardo de Souza Araújo, 99 conj. B, Cep: 04543-120 - São Paulo - SP, Tel: (11) 3045-4350 - www.constrac.com.br; Comercialização: Del'Forti Empreendimentos Imobiliários S.A. - Creci 1997/LAzer Consultores Imobiliários S.A. - Creci 19358/L; Prema Consultoria Imobiliária S.A. - Creci 497/J - Rua Estados Unidos, 1765 - Cep: 01427-002 - São Paulo - SP, Tel: (11) 5586-5600 - www.brasilbrokers.com.br; * Distância de 900m a pé estimada pelo Google, podendo variar pouco para mais ou para menos.

Uma medalha olímpica e a *nonna* sempre ao lado

Natália Falavigna, a única medalhista brasileira de taekwondo nos jogos de Pequim, em 2008, tem como maior torcedora a avó, que é filha de italianos

Por Vanessa Ruiz

É difícil apresentar Natália Falavigna sem dizer, logo de cara, que ela é a única atleta brasileira a conquistar uma medalha olímpica no taekwondo. O bronze em Pequim, nos Jogos Olímpicos de 2008, encheram o Brasil de orgulho, é claro. Mas uma pessoa em especial comemorou com toda a verve que caracteriza uma autêntica *nonna* italiana: a avó de Natália, dona Paulina Leonardo.

O sobrenome é, no entanto, um engano daqueles cometidos na hora do registro de imigração de tantas famílias no Brasil. Na chegada dos bisavós de Natália ao país, Lunardi virou Leonardo, mas as origens italianas jamais foram esquecidas.

“Minha avó mistura palavras italianas ao português porque ela é nascida aqui [no Brasil], mas só se falava italiano na casa dela enquanto ela estava crescendo”, conta Natália com base nas histórias ouvidas de dona Paulina, hoje com 86 anos.

“Ela tem aquela coisa de torcer pelo Palmeiras, sabe? Que mais parece uma coisa de tradição, de ligação com esse passado”, diz, sobre a relação da avó com o clube de futebol fundado em 1914, sob o nome *Società Sportiva Palestra Itália*, por um grupo de imigrantes italianos residentes em São Paulo.

A avó é, sem dúvidas, a chave na conexão de Natália com a Itália, embora a mãe também tenha muitas lembranças da convivência com os avós italianos, bisavós de Natália: “Ela lembra muito do pão que a vó dela fazia, por exemplo. Da *crostata*”.

“Acho que nós todos temos muita cara de italiano”, diverte-se, emendando em tom de brincadeira que a família segue todos os estereótipos da verdadeira “famiglia italiana”: “A família é grande, todo mundo fala bastante, tem aquela coisa de se reunir à mesa e passar um bom tempo lá.”

A atleta, que já rodou o mundo com o taekwondo, se ressentido de nunca ter conhecido a terra dos antepassados, que se estabeleceram no Paraná, onde Natália vive hoje: “Meus pais já estiveram lá, meu irmão, mas eu nunca fui à Itália. É algo que preciso fazer.”

Natália começou a lutar com 14 anos apenas, um início que pode ser considerado tardio para outras modalidades, mas que não a impediu de chegar ao topo da performance. O rol de títulos tem ainda uma medalha de ouro e três de bronze no Campeonato Mundial de Taekwondo, e a prata nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, em 2007 – a avó esteve lá torcendo ao vivo, aliás.

Para poder competir, no entanto, Natália precisou fazer um trato com a mãe: ela seguiria treinando contanto que completasse o ensino superior. Exigências à parte, a família sempre deu todo o suporte: “Minha família nunca teve nenhum tipo de preconceito por eu estar praticando uma arte marcial. No começo, eles não entendiam muito bem porque não tinham muitas referências. Mas meu treinador na época fez um trabalho muito bom não só comigo, com minha família também.”



Divulgação

“Minha família nunca teve nenhum tipo de preconceito por eu estar praticando uma arte marcial. Mas meu treinador na época fez um trabalho muito bom não só comigo, com minha família também”, conta a atleta

Formada em Educação Física pela Unopar, de Londrina, no Paraná, ela hoje faz mestrado em Exercício Físico e Promoção da Saúde, e ainda toca sua academia de taekwondo, também em Londrina, onde mora.

Mesmo com as atividades paralelas, e apesar de ter se recuperado de uma série de lesões sofridas nos últimos dois anos apenas recentemente, Natália segue treinando firme com um único objetivo: disputar a Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro.

Sem patrocínio apesar dos resultados de alto nível, ela conta que todo o suporte financeiro que tem vem do fato de ter entrado para o Exército para competir pelas Forças Armadas: “Venho participando de algumas competições civis e outras militares, mas é do Exército o único incentivo que tenho para treinar no momento.”

A menos de dois anos para os Jogos, a atleta do taekwondo ainda espera encontrar patrocinadores dispostos a bancar os treinamentos e as participações em competições que garantam a ela condições de brigar por medalhas no Rio. É muito comum que atletas de modalidades olímpicas no Brasil, mesmo medalhistas olímpicos, precisem arcar com os custos de suas viagens e equipamentos, coisa que ela já chegou a fazer durante a carreira, mas espera não precisar repetir.

Com ou sem dificuldades, Natália Falavigna não para e segue contando com a família ao seu lado, inclusive com a torcida da *nonna* Paulina: “Sempre que saio para competir, ela faz as orações dela, cuida do meu uniforme, diz que Deus vai abençoar minhas lutas. Ela acompanha tudo de perto! Minha família é *show*”, brinca. ■

Dança

Reunidas pelo balé

Um reencontro de ex-alunas e uma ex-professora de balé do Dante resultou na abertura do Studio D'Andrea, que leva o nome da mestra

Por Vanessa Ruiz

O estúdio é de fácil acesso, a não mais de 15 minutos a pé da Avenida Paulista. Uma pequena rampa dá acesso ao prédio discreto de fachada envelhecida. Dentro dele, falta iluminação à escada e ao hall. Mas uma porta se abre no primeiro andar e é como se fôssemos transportados para outra dimensão. O Studio D'Andrea é um ambiente luminoso que também vibra força — devem ser as paredes vermelhas. A pequena recepção é separada da sala de balé apenas por uma parede de vidro, de modo que quem chega seja imediatamente brindado com a vista e o som da ação na sala de aula.

“Você vê ... Elas abriram este estúdio para mim! Elas são as donas. Eu não consigo entender até hoje como isso aconteceu na minha vida, nunca vou conseguir retribuir”, diz Mariângela D'Andrea, visivelmente

emocionada, após alguns minutos conversa adentro. Mariângela foi a primeira bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, entre 1968 e 1975, e professora de balé do Dante entre 1973 e 1983.

Já “elas”, a que Mariângela se refere, são as ex-alunas do Colégio Gisela Maldonado, 52 anos, Karin Beatriz Rona, 47, e Rosa Freitag, de 45. Como sócias, elas inauguraram em março deste ano o Studio que leva o nome da mestra que as iniciou na arte da dança. O reencontro que virou negócio se deu, como tantas coisas nos dias de hoje, graças às redes sociais.

Há alguns anos, Mariângela começou a postar fotos antigas das alunas, no extinto Orkut. Já no Facebook, a professora repostou as imagens e uma ex-aluna foi marcando a outra nas fotos até que, em 2010, o reencontro finalmente aconteceu. Para algumas, quase três décadas após o último contato com o Dante e com Mariângela.

“Durante o encontro, começamos a nos questionar: ‘E se voltássemos a fazer aula? Será que conseguiríamos?’”, relembra a advogada Gisela. “A Mariângela logo provocou: ‘Acho que vocês conseguem realizar esse sonho se a base de vocês tiver sido boa...’ E era claro que havia, nós éramos todas ex-alunas dela!”. Logo formaram um grupo no Facebook e



Karin, Mariângela, Gisela e Rosa: um reencontro emocionante de ex-alunas e sua ex-professora que acabou na abertura de uma escola de dança



Fotos de arquivo das três ex-alunas em apresentações dos tempos de Dante: à esquerda, Rosa Freitag; no centro, Karin Rona; à direita, Gisela Maldonado em destaque



Arquivo pessoal Karin Beatriz Rona



dela”, brincam as amigas sobre Rosa, que, depois de sair do Dante, parece ter esquecido totalmente a timidez. Ela, que é formada em Rádio e TV, chegou a atuar como locutora de rádio por um período. Hoje, atua como tradutora.

Já Karin é, da turma, aquela que passou mais tempo como aluna de

Mariangela porque a seguiu mesmo depois de a professora ter deixado o Dante: foram 27 anos (com duas gravidezes nesse meio tempo!) dedicados ao balé: “O papel da Mariangela na construção, na formação do nosso caráter, na nossa educação foi fundamental”, afirma. Quando chegamos ao estúdio para a entrevista, Karin é quem estava na recepção, atendendo a uma possível futura aluna: “Por que você já não fica e faz uma aula?”, sugeriu com aquele sorriso de quem sabe que a provável resposta será um “hoje não posso”; mas o que custa perguntar, afinal?

“Eu sofro com elas sem elas saberem”, conta Mariangela, referindo-se às agruras de se ver às voltas com a abertura de um novo negócio, ainda que não seja uma das sócias. “Mas elas não deixam nada chegar a mim, nenhum problema. Elas praticamente me carregam no colo, me mimam muito, mas elas é que já são meus mimos. Mexeu com elas, mexeu comigo!”, brinca a professora, que se aposentou em 2009 do posto de assistente artística da Escola Municipal de Bailado de São Paulo depois de 17 anos cumprindo a função.

No decorrer da entrevista, as quatro vão se soltando. Não tarda muito e Mariangela tem seu primeiro momento de emoção. “Acho que, como professora, nunca consegui mensurar o quanto eu era querida. Elas foram minhas primeiras alunas no Dante”, diz, depois de fazer

seis ex-alunas do Dante retomaram a prática com a professora.

Das três, Gisela é a que verdadeiramente considerou seguir a carreira de bailarina.

Ela recorda-se, com um misto de carinho e resignação, de um momento marcante da sua juventude: o período em que foi preparada por Mariangela para entrar na Escola Municipal de Bailado de São Paulo. A oferta foi feita pela própria professora, que enxergou em Gisela o potencial para caminhar rumo ao profissionalismo. “Nós ficávamos depois das aulas, só eu e ela”, relembra Mariangela. Gisela fez as provas de admissão e foi aceita, mas as contrariedades da vida a fizeram seguir carreira no Direito.

Hoje, Gisela luta para soltar as travas que acabaram sendo erigidas ao longo da vida adulta. E conta com todo o suporte de Mariangela para tanto: “Às vezes, a Mariangela nos leva para ‘passear no parque’”, conta, rindo. “Passear no parque”, segundo Gisela, significa se soltar, redescobrir a leveza e acessar os registros corporais que ficaram engavetados em algum canto da existência. “Aqui é uma fábrica de recuperar registros”, brinca Gisela.

Rosa foi a que começou mais cedo, com apenas seis anos. Naquela época, em 1973, os grupos da aula de balé eram formados de acordo com as séries. As alunas mais novas tinham, teoricamente, 7 anos de idade. Mas como Rosa fazia aniversário só no final do ano e já estava na primeira série mesmo assim, acabou entrando para ser a mascote da turma. “Demorou alguns anos para ouvirmos a voz

uma pequena pausa para evitar que os olhos marejassem demais.

Passadas quase duas horas no estúdio, fica claro que o elo entre elas é maior do que um simples vínculo comercial. É a típica conexão que só pode ser criada a partir de uma relação de verdadeira devoção do mestre para com a sua função de educar, e de reverência profunda do aluno em relação a esse mestre.

Gisela, Karin e Rosa fazem questão de deixar claro o quanto respeitam e são gratas pelo que Mariangela fez por elas e, de certa forma, continua a fazer. A professora empresta o nome ao estúdio e, aos 65 anos (que parecem muitos menos), dá aulas com um vigor que impressiona. “Você sabe que, se eu fiquei doente cinco vezes na vida, foi muito?”, se gaba, para em seguida bater na madeira. “Nunca tive TPM, problema nenhum. Mas é verdade que, além do balé, tenho uma alimentação equilibrada.”

Uma das vezes que Mariangela ficou bastante doente foi justamente em seu primeiro ano como professora de balé do Dante. Ela precisava ensaiar um grupo grande de meninas na sexta-feira para uma apresentação que aconteceria no sábado. Baseada no modelo do palco do Teatro Municipal, que Mariangela ainda é capaz de descrever nos mínimos detalhes, a marcenaria do Colégio havia montado um tablado na quadra coberta e, como fazia muito calor naquele dia, a quadra estava abafada. Sem tempo para almoçar, Mariangela passou o dia tomando picolés e comandando os ensaios. Depois de tanto



A própria Mariangela dançando uma variação de “Bodas de Aurora”. O tablado foi montado no ginásio de esportes quando o teatro ficou pequeno para as apresentações de balé



Dante-Programa 1975

Desenho do programa da apresentação de balé de 1975, assinado pela então professora de Artes Plásticas do Dante, Germana de Angelis

esforço, acordou sem conseguir levantar da cama: “Minha mãe foi quem acompanhou a apresentação no meu lugar, mas as alunas estavam tão bem ensaiadas que fizeram tudo sozinhas. Alguém filmou e depois eu pude assisti-las”, conta, sem esconder a ponta de orgulho que sente ao olhar para trás e concluir que conseguiu plantar sementes, sim, e fazer um bom trabalho como educadora.

No Studio, Mariangela segue colocando em prática aquela que sempre foi uma de suas maiores virtudes como professora: a capacidade de entender os corpos dos alunos apenas por meio da observação, e trabalhá-los da melhor forma possível a partir disso. Na escola, é dada a formação em técnica clássica a partir dos quatro anos, aulas de jazz e Studio Fitness, modalidade de condicionamento físico inspirado no balé clássico. Há ainda aulas para adultos iniciantes que, independentemente da idade, nunca fizeram balé, e também para reiniciantes (o objetivo de reunir mais ex-alunas do Dante para retomar as aulas persiste).

O entusiasmo pelas técnicas do balé clássico segue nitidamente vivo em Mariangela. “Estudei o método Reeducação do Movimento com o Ivaldo Bertazzo, então consigo fazer a correção direta e entender o objetivo de cada físico. Aqui, a aluna passa a ter consciência corporal completa. É lindo, é lindo!”, vai contando ela, ao mesmo tempo em que se levanta para, usando o corpo, expressar com mais clareza o que quer dizer.

Arquivo pessoal Mariangela D'Andrea

Para as três ex-alunas do Dante, só não é possível dizer que Mariângela continua a mesma porque ao menos uma coisa mudou: parece que a professora anda cada vez mais bem-humorada. Mariângela concorda: “Nunca competi com ninguém, sempre comigo mesma. Mas acho que, ao longo do tempo, fui ficando mais leve. Quero estar atual, né?”. Isso não quer dizer, no entanto, que a bailarina tornou-se menos rígida ou exigente, porque “a essência é a mesma”, complementa.

Quando perguntadas sobre broncas levadas nas aulas de dança dos tempos de Dante, as três sócias lembram que “bronca”, para Mariângela, é na realidade um gesto. Ela se levanta, coloca as mãos na cintura e arqueia uma das sobrancelhas. “Essa é a cara de brava dela. Quando ela faz isso, já sabemos que fizemos algo de errado”, contam.

Mas não é só essa braveza que encanta suas alunas. “A Mariângela é uma pessoa muito firme e com muito carisma, o que é uma combinação altamente sedutora”, pondera Gisela. “Se você quiser arrancar um elogio dela, está ferrada!” A professora sabiamente justifica: “Não pode, senão amolece.”

De fato, “amolecer” é um conceito que não faz parte da vida de Mariângela D’Andrea desde



Arquivo pessoal Mariângela D’Andrea

Homenagem feita a Mariângela no Dante em 1973 (ela está no centro, entre as alunas, usando um vestido longo liso)

muito cedo. Ela dançou seu primeiro solo no palco do Teatro Municipal de São Paulo aos 10 anos de idade, vestindo vermelho. Foi sua primeira apresentação. Desde então, a bailarina jamais subiu a um palco sem ter consigo, em algum lugar do collant, uma fitinha vermelha. O hábito deixou o tablado e foi parar no dia a dia. No dia em que a encontramos, a armação dos óculos e o pingente do colar eram vermelhos. Ah, sim, e as paredes do Studio.

A viagem pelo passado e a descrição da jornada que reuniu alunas e professora tantos anos depois, como se nunca tivessem se separado, não podia ter se encerrado de maneira mais simbólica. Quase na saída do Studio, Mariângela chamou a repórter de volta: “Quer um pirulito?”. Ele era vermelho, é claro. “Igualzinho ao do Dante”, diz Karin. “O mesmo gosto”, emenda Gisela, enquanto Rosa faz que “sim” com a cabeça. Assim, exatamente como o Studio D’Andrea. ■

Studio D’Andrea

Rua Frei Canca, 322,
1º andar, cjto 11
Consolação, São Paulo/SP
Tel. (11) 3255-9092/3258-1562



Arquivo pessoal Mariângela D’Andrea

Foto tirada no dia da aula inaugural do Studio, em que estavam presentes as filhas das três sócias e uma sobrinha de Gisela, que hoje também é aluna de Mariângela

Ilustração Salvador

por **José de Oliveira Messina**
Presidente do Colégio

Feira

Rua do destino
com barracas de feira
tecidos, frutas, besteira...

Gritos, tapas, preços...
Olhos que nada fixam
na busca do não desejado!

Triciclos, carroças, burros,
rodando sem rumo
em meio à ordem da balbúrdia!

Confusão... olhares estranhos.
Feias e lindas mulheres...
Duas forças que se agriem!

Comentário de alguém
de gravata e paletó:
que faço no Nepal?

Mercato

Strada del destino
con bancarelle di mercato
tessuti, frutta, sciocchezze...

Grida, schiaffi, prezzi...
Occhi che nulla fissano
Alla ricerca del non desiderato!

Tricicli, carri, asini,
in giro senza meta
in mezzo all'ordine del caos!

Confusione....sguardi strani.
Brutte e belle donne...
Due forze che si affrontano!

In giacca e cravatta
qualcuno commenta:
cosa faccio in Nepal?

Tradução: Angela Angoretto



por José de Oliveira Messina
Presidente do Colégio

Janelas

Abrem-se as janelas!
A vida começa chorosa.
Continua chorosa...
Torna-se alegre...
O tempo passa...

Homem pronto
Desafia o encontro
Que tem pela frente.
Arma-se do saber,
Descobre o mundo!

Fecham-se as janelas!
Para dentro, figuras
Que se embaralham,
Em pano branco envoltas
Todas se atrapalham...



Finestre

Finestre aperte!
La vita inizia e continua
Piagnucolosa...
Diventa allegra...
Il tempo passa...

Un uomo pronto
Sfida l'incontro
Che avverrà.
Del saper munito,
Il mondo scopre!

Finestre chiuse!
Dentro, figure
che si mescolano,
Avvolte in panno bianco
Tutte si confondono...

Tradução: Angela Angoretto

Ensaio Fotográfico

Fotos: Leandro Cagiano Texto: Barbara Heckler

O final de ano é uma das épocas mais ritualísticas de todo calendário, principalmente do católico. Com a grande imigração italiana para o Brasil, muito da tradição daquele país veio para cá e se incorporou, muito bem, à vida da maioria das pessoas. O panetone é parte disso: é fácil encontrá-lo nas casas das pessoas conforme o Natal vai se aproximando.

Há muitas lendas que circundam sua origem. Diz-se que ele foi criado em Milão, no norte da Itália, no século XV. Mas não demorou muito para que o hábito de comer esse pão – que, na origem, era naturalmente fermentado – se espalhasse por toda a península. Uma das histórias

mais conhecidas, mas nunca confirmada, é a de um nobre milanês apaixonado pela filha de um padeiro chamado Toni. Para conquistar o pai da jovem, o nobre se disfarçou de ajudante e inventou um pão delicado, com frutas secas, cujo topo tinha o formato da cúpula de uma igreja. Assim, nascia o “Pane di Toni”. Hoje, o panetone ganhou diversas versões no Brasil: com gotas de chocolate, cereja, nozes. Mas o original continua sendo um sucesso. Desde 1939, a confeitaria Di Cunto, a mais antiga de São Paulo, dedica-se às fornadas desse pão. E foi lá, no bairro da Mooca, que o Leandro Cagiano, fotógrafo deste ensaio, foi registrar as etapas dessa produção artesanal.















Divulgação

Gastronomia

Das finanças à gastronomia

Mauro Maia, chef do Supra, construiu uma carreira cheia de reviravoltas e hoje é um dos mais respeitados nomes da gastronomia italiana em São Paulo

Por Laura Folgueira

Ele é considerado um dos melhores chefs de São Paulo – e suas receitas italianas recebem elogios de crítica e clientela. Mas Mauro Maia só começou a cozinhar por acaso, depois de passar quase vinte anos trabalhando como administrador de empresas na indústria química.

A história é peculiar. “Em 1991, comecei a ter muitos sonhos com receitas da cozinha italiana. Eram espontâneos. Antes disso eu nem cozinhava, nem tinha muito interesse pela cozinha”, conta. Quando acordava, com as receitas na cabeça, ele tentava reproduzi-las para amigos. “Mas era uma coisa bem intuitiva, eu não tinha muito conhecimento.” Apenas alguns anos depois, porém, outro acaso o ajudou: ele foi transferido no trabalho e passou a morar na Itália, com a família. “Ali comecei a ter realmente o contato com a cultura gastronômica italiana, que sempre foi minha preferida.”

Era oficial: a paixão de Mauro tinha se tornado a cozinha. Mas ele precisava se profissionalizar. Assim que voltou ao Brasil,

prestou vestibular de novo – para o único curso de gastronomia que, sendo à noite, permitiria que ele continuasse com seu trabalho. Durante a faculdade, aproveitou para aprender o máximo que podia com outro mestre: Erick Jacquín. Maia trabalhava no extinto Café Antique às sextas e sábados, quando não precisava trabalhar na empresa. “Ele foi o meu grande mestre. Foi quem me ensinou que só tem dois tipos de comida: a boa e a ruim.”

Apostando alto

Tinha chegado a hora de Mauro Maia sair do lugar que havia tanto tempo ocupava e se jogar de vez no amor pelas panelas. Assim, em 2001, mudou-se novamente para a Itália, para um *master's degree* em cozinha italiana no Piemonte. Quando voltou, fez sua grande aposta: juntou-se a dois colegas de faculdade e abriu o Supra. Já em 2002, ganhou prêmios de chef-revelação e foi laureado por críticos de gastronomia, como Josimar Melo.

“Ser novato foi meu principal desafio. Eu criava todos os pratos, e cozinhava no almoço e no jantar”, lembra. A carga de trabalho cobrou seu preço. Em dezembro de 2008 Mauro sentia-se cansado; quando surgiu a oportunidade de vender o terreno do restaurante por um bom preço, aceitou. “Confesso que, quando parei, estava tão saturado que praticamente não cozinhava, nem em casa. Mas em 2014 a mosquinha me pegou de novo e decidi reabrir o Supra.”

Seu sócio na última empreitada, iniciada em abril deste ano, é um antigo funcionário, que tinha 17 anos quando Maia o conheceu – e o treinou. Rodrigo Bizzo foi estagiário no antigo Supra, formou-se na Suíça e voltou para trabalhar como segundo cozinheiro de Maia. Ficou até o restaurante fechar. Foi o primeiro nome em quem o chef pensou na hora de abrir o novo espaço. “Ele cuida do dia a dia da cozinha, porque é de minha total confiança e, principalmente, sabe fazer comida boa.”

A reabertura do Supra em novo endereço foi comemorada por antigos clientes e críticos de gastronomia. Mauro reinventou algumas de suas receitas, muitas vezes misturando sabores italianos e do interior de Minas, de onde vem sua família. O *tortelli de Minas*, por exemplo,



Mauro Maia era administrador de empresas e tinha sonhos com receitas italianas, que reproduzia para amigos. “Mas era uma coisa bem intuitiva, eu não tinha muito conhecimento”, lembra ele, considerado hoje um dos melhores chefs de São Paulo

é recheado com galinha caipira e milho, e vem com molho cremoso do assado, com queijo da serra da Canastra e cachaça envelhecida (antes, a receita era com pamonha). “Sempre gostei de incluir elementos da minha origem”, diz Mauro. “Eu tenho facilidade para sentir o sabor das coisas juntas. Crio sempre com poucos ingredientes, nunca fui adepto de fazer o que muita gente faz, abrir a geladeira e jogar tudo o que vê pela frente na panela. Um prato com poucos ingredientes que conversam entre si tem mais personalidade.”

E o que atrai mesmo os clientes do novo Supra são os produtos italianíssimos, como massas feitas artesanalmente, vendidas também na rotisseria que funciona diariamente. O cuidado com os ingredientes tornou-se a pedra

de toque da gastronomia que Mauro admira e pratica. “Por melhor que seja o cozinheiro, ele nunca consegue fazer um ingrediente ruim ficar bom.”

É com esses lemas em mente que ele toca a operação de seu Supra, que vai de vento em

popa. De agora em diante, o projeto é um só: “Consolidar a operação do restaurante, com padrão de qualidade absoluto e uma equipe que converse por música.”

Branzino in crosta di porò con gli asparagi

(Robalo em crosta de alho-poró com aspargos)

Ingredientes

- 4 postas de filé de robalo de 200 gramas
- 12 aspargos frescos (de preferência, peruanos)
- Aproximadamente 6 colheres de sopa de azeite de oliva (não precisa ser extravirgem)
- Sal grosso, moído na hora
- Pimenta-do-reino branca, moída na hora
- 100 gramas de alho-poró
- 20 gramas de alho
- Sal fino
- 120 ml de azeite de oliva extravirgem (de preferência da Ligúria, que é mais doce e não interfere no sabor das ervas frescas)
- 6 colheres de sopa de ervas frescas finamente picadas (dill, salsinha cressa, *ciboulette* francesa, cerefólio, alecrim e tomilho)
- 60 ml de suco de limão-siciliano
- 4 colheres de chá de ovas de capelin para decorar

Modo de preparo

Comece fazendo o azeite de ervas frescas. Selecione somente as folhas das ervas, lave, seque em papel absorvente e pique finamente. Acrescente o azeite extravirgem e algumas pitadas de sal a gosto. Misture com uma colher e reserve até o momento de montar o prato.

Para a pasta de alho-poró: pique o alho-poró e o alho, tempere-os com sal e processe com um pouco de azeite, o suficiente apenas para que o processamento seja facilitado. O resultado deverá ser uma pasta bem cremosa, lisa e espessa.

Tempere o robalo com sal e pimenta. Em uma frigideira (preferencialmente de ferro ou, na sua falta, de fundo triplo) grande, coloque o azeite e deixe-o ficar bem quente. Coloque as postas de robalo e grelhe por três minutos; vire e coloque uma camada da pasta de alho-

poró sobre cada uma – grelhe desse outro lado por mais três minutos. Coloque as postas em uma forma untada com azeite e leve ao forno preaquecido a 230 °C, assando por mais quatro minutos (o forno deve estar bem quente!).

Limpe as extremidades dos aspargos, tempere-os com sal e cozinhe-os no vapor, a partir do oitavo minuto, por dois minutos (para ficarem prontos junto com o robalo). Reserve.

Montagem

Disponha três aspargos por prato e coloque a posta de robalo por cima. Ponha uma colher de sopa de ovas de capelin sobre o robalo, como decoração. Tempere com o molho de azeite, ervas e limão e sirva imediatamente.



Divulgação

Serviço:

Supra

Rua Leopoldo Couto de Magalhães Junior, 681,
Itaim Bibi - tel. (11) 3071-4473

Fast food saudável

É possível encontrar o temaki em várias regiões da cidade — e trocar o hambúrguer de um almoço corrido por essa opção mais fresca e saudável

Por Silvia Percussi Foto: Tadeu Brunelli

Já faz alguns anos que o temaki (cone de algas recheado com arroz e peixe cru e/ou legumes e kani) é uma febre entre os jovens brasileiros. Essa iguaria da culinária asiática tem uma origem interessante no Japão do século XIX: foi criada como forma de reaproveitar alimentos que restavam do preparo de outros pratos. Era vendida como comida de rua em Tóquio (à época chamada Edo), e por isso é considerada a primeira *fast food* japonesa.

Por ser um alimento pensado para ser consumido em pé, tem formato de cone para evitar que o shoyu caia na roupa das pessoas. O temaki é enrolado e se come com a mão (“te” significa mão e “maki”, enrolado).

Os temakis, no princípio, eram bem menores e servidos como entradas. Hoje em dia, em várias cidades brasileiras, geralmente são bem maiores e vendidos não só em restaurantes de culinária japonesa, como também em redes de estabelecimentos dedicadas totalmente a ele — as temakerias. Tornaram-se uma refeição completa — ótima alternativa de comida rápida para quem quer uma opção mais saudável. ■

Temaki

Ingredientes

- 50 g de salmão
- 40 g de arroz japonês cozido
- ¼ de unidade de nori (alga)
- Wasabi (quanto baste)
- Cebolinha-verde a gosto
- Gergelim torrado
- Shoyu

Preparo

Pique o salmão em cubinhos e misture-o com a cebolinha-verde já picada. Reserve. Corte a folha de nori ao meio, formando dois retângulos. Estenda um deles na posição horizontal sobre uma superfície de trabalho, colocando, na metade esquerda, o arroz. Espalhe-o até cobrir toda essa parte da alga, e sobre ele coloque o wasabi. Adicione então, sobre o arroz, o salmão temperado com a cebolinha, mas deixando a extremidade superior direita e a inferior esquerda livres do peixe (apenas com o arroz). Comece a enrolar partindo do canto inferior esquerdo com a ajuda do indicador e do polegar, em direção à extremidade superior direita do arroz, até obter um cone. Molhe levemente as bordas para fechar o cone, polvilhe o topo com gergelim torrado e tempere com shoyu.



Turismo

País sagrado

Saiba o que é imperdível em uma visita ao Vaticano, menor país do mundo e sede do catolicismo no mundo

Por Laura Folgueira Fotos: Fototeca Enit/Sandro Bedessi

O menor país do mundo (com apenas 44 hectares e oitocentos habitantes). Um Estado independente dentro de uma capital europeia. A Santa Sé. A casa do papa. São muitas as definições possíveis para o Vaticano – o que não é simples de definir é o sentimento que a grandiosidade histórica evoca em seus 6 milhões de turistas anuais.

Criado como cidade-Estado em 1929, o Vaticano, localizado a oeste do rio Tibre, em Roma – bem no meio da capital, entre as chamadas sete colinas de Roma – foi instituído pelo Tratado de Latrão, assinado pelo papa Pio XI e por Benito Mussolini. Sendo independente desde então, hoje o pequeno país tem até serviços como correio, polícia, televisão e rádio próprios.



A Praça de São Pedro foi projetada no século XVII pelo arquiteto Gian Lorenzo Bernini. Na foto, fonte que é ícone do local

Assim, uma viagem a Roma não está completa sem a quase obrigatória passagem pelo Vaticano, para conhecer sua história e admirar a arte guardada entre as paredes de seus museus. O ideal é reservar ao menos um dia inteiro, almoçando nos arredores – assim, dá para conhecer tudo com calma.

Basílica de São Pedro

O ponto focal do Vaticano é a Praça de São Pedro (ou Piazza di San Pietro) – projetada no século XVII por um dos arquitetos mais presentes nos monumentos romanos: Gian Lorenzo Bernini. E é por essa praça, com seu obelisco central, datado do Egito do século I, que começa a visita ao pequeno Estado papal.

Na praça está a Basílica de São Pedro, a sede do catolicismo. Trata-se da maior igreja católica do mundo, com 23 mil metros quadrados, construídos a partir do século XVI sobre as ruínas de outra basílica, existente ali desde o século IV. O local não foi escolhido por acaso: acredita-se ter sido ali o ponto onde Pedro, apóstolo, foi crucificado (de cabeça para baixo, a seu próprio pedido).

Visitar a basílica, protegida pela Unesco como patrimônio mundial da humanidade, exige tempo e atenção: ela abriga obras dos maiores mestres da arte italiana. O destaque é a “Pietà”, de Michelangelo, mas há de se prestar atenção também às outras mais de trezentas estátuas e obras de arte espalhadas por seu interior – além, é claro, da imponente arquitetura renascentista, com elementos como o baldaquino, que fica sobre o altar.

Não deixe também de subir à cúpula, que oferece uma bela vista de toda a cidade de Roma. Mas guarde o fôlego: até o topo, são mais de 500 degraus (ou 200, fazendo uma parte de elevador).

Papas e catacumbas

Sendo a sede do papado, a Basílica de São Pedro guarda uma longa história pregressa – que pode ser lembrada em seu subsolo. Lá,



A Basílica de São Pedro é patrimônio mundial da humanidade. Tem 23 mil metros quadrados e é a maior igreja católica do mundo

estão as tumbas de diversos papas, incluindo o papa João Paulo II. Ao visitar a cripta, o visitante fica sabendo também um pouco da história de cada um.

Segundo estudos e escavações, o próprio Pedro, o primeiro dos papas, foi enterrado embaixo da Basílica. Mas, para ver o local desse evento histórico, é preciso ir além do limite a que chegam os visitantes “comuns” e agendar o chamado *Scavi Tour*, ou Tour Secreto, pela Necrópole. Para isso, é necessário enviar um e-mail para o Escritório de Escavações (informações em http://www.vatican.va/various/basiliche/necropoli/scavi_english.html), que, de tempos em tempos, compõe grupos de apenas 12 pessoas (totalizando, no máximo, 250 por dia) para um tour guiado de uma hora e meia à parte mais subterrânea do Vaticano.

Museus do Vaticano

Todas as atrações de Roma atraem multidões e filas (especialmente na alta temporada) – mas nenhuma mais que os Museus do Vaticano, um imponente complexo de antigos palácios papais, com 42 mil metros quadrados e 70 mil obras de arte expostas. Evitar o transtorno, porém, é simples: o site do Vaticano disponibiliza ingressos com hora marcada, que permitem passar na frente de outros turistas, por apenas 4 euros extras (a entrada custa 16).

Uma vez dentro do museu, pode-se seguir o roteiro comum, que passa por todas as coleções até terminar na Capela Sistina, pintada por Michelangelo e considerada por muitos a maior obra-prima do Vaticano. Outra opção, indo bem cedo, é fazer o caminho contrário e visitar a capela com menos turistas em

volta. Independentemente do caminho que se escolher, visitar as obras não dura menos de duas horas – e pode levar até seis.

Não deixe de incluir a Pinacoteca Vaticana no percurso. É lá que estão guardadas obras de Caravaggio, Rafael, Botticelli e Da Vinci. O passeio pelas alas do complexo também guarda relíquias como antiguidades egípcias e a estátua Laocoonte, uma das mais famosas da Antiguidade, encontrada em 1506 e primeira peça exibida no Vaticano. ▀

Informações:

- A entrada na Basílica (todos os dias, das 7h às 18h30) é gratuita. A visita ao Tesouro, onde estão guardadas as relíquias da Igreja Católica, é paga à parte, bem como a subida à cúpula (7 euros cada). http://www.vatican.va/various/basiliche/san_pietro/index_it.htm
- Os Museus do Vaticano (Viale Vaticano, 165) ficam abertos de segunda a sábado, das 9h às 16h). www.museivaticani.va

Informações práticas:

A época ideal para visitar Roma e o Vaticano é a primavera – não tão quente quanto o verão, e com menos turistas. Quem não se importa com um pouco de frio pode guardar a viagem para o inverno: de dezembro a fevereiro as filas diminuem consideravelmente e é possível ver obras como a Capela Sistina com menos cabeças na frente. Estando em Roma, chegar ao Vaticano é fácil: do centro, é possível ir a pé, cruzando o rio. Há também ônibus que saem da estação Termini e vão até a Praça de São Pedro. Para não ter problemas na entrada (tanto para o Museu quanto para a Basílica), não use roupas curtas (saias ou bermudas) nem mantenha os ombros à mostra. Mais informações em: www.vatican.va

Espaço Aberto

Invenção na chuva

Por Julia Alquéres Ilustração: Milton Costa

Chove. Não sei ver beleza nessa água toda que cai. Chove. Já são quase sete da noite e eu aqui neste ponto de ônibus no Bixiga pensando na beleza, que não consigo tocar. Nem mesmo as cantinas, que neste horário se iluminam, nem mesmo elas, que costumam provocar fome em mim, conseguem me mover. Tão ermas, que chego a uma conclusão: é a falta de vida que me deixa apática. Chove uma chuva que provoca reclusões.

Daqui vejo alguma movimentação humana, mas estão todos escondidos sob guarda-chuvas. Eu, que só gosto quando os rostos estão descobertos e as mãos livres, gostaria que as pessoas usassem coloridas capas no corpo, não esta outra capa que encobre tudo, o guarda-chuva. Gosto de acreditar que os corpos enfrentariam a chuva com mais coragem. Sim, há aqui algum romantismo e continuo: chuva metida, ela quer tomar conta do mundo sozinha, toda escancarada.

Chove. E as coloridas capas de chuva me fazem lembrar Federico Fellini e todo o seu amor pelo circo. Na primeira cena do filme *Os Palhaços*, um menino observa sobressaltado, da janela do seu quarto, a montagem da tenda de um circo. No dia seguinte, assiste pela primeira vez a um espetáculo circense. Mas sente medo dos palhaços e decepciona-se com o que assiste – não vê beleza.

A partir daí, o cineasta italiano mistura realidade e ficção para contar as histórias dos palhaços da Europa que, por meio de depoimentos, denunciam a decadência do circo. Na última cena, Fellini cria um espetáculo em que antigos palhaços revivem seus gloriosos tempos. Já não se podem

diferenciar os fatos reais da imaginação do cineasta. A tristeza do menino que saiu chorando (como se chovesse pelos olhos), depois de experimentar o circo pela primeira vez, mistura-se com o sentimento de devoção que esses palhaços demonstram pela arte. E de repente também quero inventar outras realidades que me provoquem outros sentimentos.

Para que haja beleza, escolho agora só a ficção: todas essas capas de chuva que imaginei emendam-se para formar uma enorme tenda de circo.

De repente toda a cidade está dentro do espetáculo. Os garçons daquelas cantinas do Bixiga são palhaços que levam tomate no nariz enquanto tentam se equilibrar na corda bamba, um imenso fio de macarrão. E quedam em piruetas até a imensa panela de molho vermelho, a grande rede de proteção. Os pontos de ônibus - agora plateia - tremem, tanta é a gargalhada das pessoas. Assisto a tudo isso e, no fim, do alto da tenda chovem bailarinas em tecidos coloridos.

Avisto o menino de Fellini na chuva, sem guardas ou capas, aplaudindo a beleza. Vou até ele, aprendo a gostar daquela chuva enquanto comemoramos juntos o espetáculo, que já se despede – só não se despedem de mim a chuva e este romantismo.

(Inventei, pronto, existiu)

Chove uma chuva que provoca.



Competências socioemocionais na escola

Por Silvana Leporace – Diretora-Geral Pedagógica do Colégio Dante Alighieri

Em nossa atividade educacional, sempre nos preocupamos com aspectos que vão além da excelência acadêmica. Isso se expressa, por exemplo, no que iremos ensinar aos nossos alunos para que possam potencializar suas aprendizagens, ter sucesso na vida profissional e pessoal e conviver melhor em sociedade.

Nessa linha de reflexão, surge o conceito de competências socioemocionais, que vem ganhando espaço nas discussões com vistas a desenvolver atitudes necessárias para a autonomia e o protagonismo dos nativos digitais.

O Brasil participou, recentemente, de uma pesquisa inédita sobre o assunto, conduzida

pelo Instituto Ayrton Senna em parceria com a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). A pesquisa buscou comprovar o quanto determinadas características impactam na aprendizagem.

Para ampliar nosso conhecimento a respeito do tema, a DanteCultural entrevistou Simone André. Ela é psicóloga, educadora, coordenadora de educação do Instituto Ayrton Senna, membro da Cátedra Unesco de Educação e Desenvolvimento Humano e autora de publicações nesse campo de pesquisa. ■

1) O que são as competências socioemocionais e quais se destacam?

As competências socioemocionais envolvem a capacidade que temos de mobilizar, articular e colocar em prática conhecimentos, valores, atitudes e habilidades para compreender e gerir emoções, estabelecer e perseguir objetivos, sentir e demonstrar respeito e cuidado pelos outros, trabalhar em equipe, tomar decisões autônomas e responsáveis, e enfrentar situações adversas de maneira criativa e construtiva. São habilidades que desempenham um papel crucial na vida futura de crianças e jovens, e são consideradas determinantes para a obtenção de sucesso acadêmico, profissional e pessoal. Ciente dessa importância, o Instituto Ayrton Senna acredita ser fundamental que a escola possa se preparar para desenvolver intencionalmente essas competências que englobam aspectos cognitivos e socioemocionais e têm comprovadamente impacto na aprendizagem, tais como responsabilidade, colaboração, comunicação, criatividade, autocontrole e abertura a novas experiências.

2) Qual a importância do desenvolvimento dessas competências no mundo atual?

O século 21 requer novos propósitos para a educação. Para viver, conviver, aprender e produzir nessa sociedade, as novas gerações precisam lançar mão de competências que vão além do acúmulo de conhecimentos e, por isso, a aprendizagem não pode ser apenas teórica: o conhecimento precisa estar a serviço da solução de questões que afetam a vida das pessoas. Estudos nacionais e internacionais mostram que alunos mais responsáveis, persistentes, curiosos e resilientes aprendem mais, concluem seus estudos básicos na idade certa e saem da escola preparados para seguir aprendendo ao longo da vida; na idade adulta, tornam-se cidadãos mais conscientes e participativos, trabalhadores mais éticos, produtivos e realizados, enfim, seres humanos mais aptos a fazer boas escolhas e usufruir delas. Essas competências podem ser ensinadas na escola e o trabalho com essa dimensão não compete com o ensino dos conteúdos tradicionais, mas contribui para a promoção da aprendizagem significativa. No caso do Brasil, especialmente,

isso representa uma oportunidade valiosa para acelerar a melhoria da qualidade da nossa educação.

3) De que forma podemos trabalhar a inserção do processo de desenvolvimento dessas competências no currículo escolar?

As competências socioemocionais podem e devem ser desenvolvidas de forma integrada/transversal e junto às demais disciplinas que integram o currículo. Assim como o aluno é um ser uno e pleno, a aprendizagem também deve se dar de maneira integrada, com habilidades cognitivas e socioemocionais sendo desenvolvidas ao mesmo tempo durante as mesmas atividades pedagógicas.

Para além do currículo, é fundamental que também seja feito um consistente trabalho de formação com toda a equipe pedagógica, de gestores a professores, para que eles possam se capacitar dentro dessa nova proposta de educação.

4) Que relações as competências socioemocionais podem/devem construir com os conteúdos tradicionais da escola e com as competências cognitivas em geral?

Entre as metodologias que as escolas poderão lançar mão, destacamos a educação por projetos (ensinar por meio de situações-problema com grau de complexidade suficiente para que o aluno, em colaboração com seus pares, seja o principal sujeito do processo), a aprendizagem colaborativa (ensinar contando com a corresponsabilidade entre os alunos, de forma que aprendam juntos, apoiando-se para enfrentar desafios que poderiam ser grandes demais para resolverem individualmente), a problematização (ensinar fomentando continuamente a formulação de perguntas, a crítica, a reflexão e o debate) e a presença pedagógica (ensinar exercitando uma série de atitudes de acolhimento e exigência na relação com os alunos).

Também é importante ressaltar que, para potencializar o desenvolvimento socioemocional como aliado da aprendizagem cognitiva, o uso de metodologias centradas no aluno precisa vir acompanhado pela oferta de atividades desafiantes e pela atenção do professor para a estrutura das aulas (aulas bem estruturadas, planejadas com começo, meio e fim, cuidando da clareza na comunicação e no monitoramento próximo da aprendizagem dos alunos).

5) De que os professores precisam para se adaptarem a essas novas necessidades?

Na verdade, todo professor sabe, ainda que intuitivamente, que existem aspectos socioemocionais que afetam a aprendizagem de seus alunos, mas costumam pensar que não têm controle sobre o desenvolvimento deles. Achar que desinteresse, descompromisso, falta de concentração e baixa autoestima são aspectos que dizem respeito exclusivamente aos alunos e suas famílias. Não veem esses aspectos como algo que poderia ser desenvolvido de forma intencional na sala de aula.

Dentro dessa nova proposta de educação necessária ao século 21, os professores são levados a rever esse tipo de crença. Mais do que ensinar, o professor do século 21 inspira seus alunos a se descobrirem enquanto aprendem. É possível ajudá-los a descobrir aquilo que gostam de estudar, como preferem aprender, como lidam com obstáculos, quais emoções os dominam quando fracassam ou são provocados, por que é importante trabalhar com colegas diferentes, como usar seus pontos fortes para superar fragilidades, como evitar distrações que os afastem das tarefas menos estimulantes, quais hábitos permitem gerir o tempo e as tarefas. E, em especial, estimulá-los a descobrir quais são seus sonhos e com que forças contar para persistir em alcançá-los.

É claro que, para que isso aconteça na sala de aula, é preciso que haja uma grande mudança de mentalidade sobre o papel do professor do século 21. É também fundamental que a relação entre professor e aluno não se horizontalize e não se confunda com amizade ou paternalismo. É ocupando seu lugar como referência que o professor pode exercer o exemplo e se tornar uma presença significativa na vida dos alunos, ultrapassando a abordagem tradicional. Para alcançar esses objetivos, contudo, é importante lembrar que a formação é fundamental para apoiar o professor nesse processo de mudança. Por isso mesmo, o Instituto Ayrton Senna pretende contribuir para a disseminação de boas práticas para o trabalho pedagógico com competências socioemocionais, seja por meio dos seus programas de formação de professores, seja por meio de canais de comunicação e fóruns de discussão. É também importante destacar um grande passo dado nesse sentido, que foi o lançamento de um edital pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), em parceria com o Instituto Ayrton Senna. O programa de bolsas busca apoiar a formação em competências socioemocionais.

Memória

Quer pipoca?

Quem não conhece o “Baiano”, pipoqueiro que fica na entrada da Alameda Itu? Na foto mais antiga, em preto e branco, datada de 1968, é ele quem está na esquina da

Alameda Jaú com a Peixoto Gomide, com seu carrinho. Já são 52 anos trabalhando em frente ao nosso Colégio.

Diariamente, ele recebe na calçada os alunos do período da manhã que saem da escola sentindo aquele cheiro de pipoca quentinha no ar. Mesmo os do período da tarde, que chegam depois de almoçar, às vezes não resistem e compram um saquinho antes de entrar no Dante. À noite, o “Baiano” (que se chama Vicente Ferreira da Silva) “estaciona” seu carrinho na garagem do Colégio. E na festa junina, todo ano, ele entra para vender pipoca no pátio principal.



Audiovisual CDA



Arquivo Centro de Memória CDA

HOJE VOCÊ TEM AMIGOS. AMANHÃ, SOCIOS.

VESTIBULAR

vestibular.fAAP.br

ADMINISTRAÇÃO
ARQUITETURA E URBANISMO
ARTES VISUAIS
CINEMA
DESIGN DE INTERIORES **NOVO**
DESIGN GRÁFICO E DE PRODUTO
DIREITO
ECONOMIA
ENGENHARIA CIVIL
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

ENGENHARIA ELÉTRICA
ENGENHARIA MECÂNICA
JORNALISMO **NOVO**
MODA
PRODUÇÃO CULTURAL **SEQUENCIAL**
PUBLICIDADE E PROPAGANDA
RÁDIO E TV
RELAÇÕES INTERNACIONAIS
RELAÇÕES PÚBLICAS

Locais de prova:

São Paulo, São José dos Campos, Ribeirão Preto
(para graduação no campus de SP)

(11) 3662-7208
vestibular@faap.br



INGRESSO
TAMBÉM PELO
ENEM

FORMAÇÃO
INTERNACIONAL
MAIS DE 370
CONVÊNIO
EM 50 PAÍSES



FAAP
Desde 1947

Bauducco[®]

Ele chegou anunciando a
melhor época do ano: **Natal!**

Especial da família Bauducco
para sua família!

